

Ferrum

REP. 61.*

Martis, 2..... *Ochva ferri pulchra, rufa*, Lin.
Ferrum argilla mineralisatum, minera
intrinseca colore ferreo vel caeruleo W.,
 226.
 Mina de ferro terrea e limosa, Berg
 202. C.

Esta mina é de figura terrea, de um amarello escuro, e partindo-se mostram por dentro alguns pedaços uma cor de anil, ou um azul fechoado. Pesando 2 quintaes depois de calcinados (por que antes estão muito cheios de raizes e partes estranhas) dão para cima de 126 libras de ferro, que é quasi a metade do peso da mina. Contem tambem algum chumbo, que mostra pegado por baixo, e do lado de um dos culotes.

Vismutum

REP. 62.*

Nativium, 1. *Vismutum nudum*, Lin.
Vismutum nativum, tenuibus amellis ad-
hocrens, W. 116.
Bismuto nativo, Berg. 211.

Habita no ribeirão do Xarnação, que se derrama no escalvado, braços ou vertentes do Rio Doce.

Perde uma setima parte do seu peso no acto de fundir-se; o seu vidro é amarelado, e não azul, o que livra da suspeita de que possa ter mistura de cobalto. Nada tambem contém de fino.

TRAÇOS BIOGRAPHICOS (*)

DE

SERRANOS ILLUSTRÉS, JÁ FALLECIDOS,

PRECEDIDOS

DE UM BOSQUEJO HISTORICO SOBRE A FUNDAÇÃO DA CIDADE DO SERRO
 (MINAS GERAES)

Offerecidos ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro
 pelo socio correspondente

Nelson Coelho de Senna

(BACHAREL EM DIREITO)

CAPITULO PRIMEIRO

SUMMARY:— A comarca do Serro-Frio: Seu povoamento.— Fundação da Villa do Principe.— Familias notaveis. — Primeiros Magistrados. — Cultura social.— Cargos e milicias.— Sacerdotes.— Professores.— Vereança.— Fontes escriptas para a historia local.

I

Reinícolas e paulistas formaram os primeiros povoamentos das Minas Geraes. Os colonos, fossem elles o simples aventureiro peninsular ou o bandeirante atrevido de São Paulo, ou fosse o emboaba portinaz e avaro — portuguezes eram todos na lei, que os considerava vassallos de um só senhor.

(*) Extrahido este trabalho do tomo LXV (2.ª parte) da *Rev. do Inst. Histor. e Geogr. Bras.*, onde foi publicado, em 1904 (pags. 333 a 374).

Irmanavam-se os filhos da metropole e os nascidos na colonia do Brasil, quanto ao serem uns e outros subditos d'El-Rey de Portugal.

Nunca tivemos estas gentes sem patria (*os heimathlosen*), de que nos fala o douto Bluntchli (*), referindo-se aos que, na Constituição federal Suissa, se reputam homens de nacionalidade duvidosa.

Emparedada a colonia, para que estrangeiros não a visitassem (*hospes semper hostis*), cá se misturavam os brancos, os pretos e os indios, afeiçãoando-se a fusão cada vez mais, no mestiçamento dos tres elementos ethnicos, formadores do povo brasileiro actual.

Localizados nos povoados auríferos, nos arraiaes diamantinos, nos descobertos opulentos das Minas, os sertanistas em breve se consideravam filhos do torrão abençoado, que lhes proporcionava vida farta e regalada. Installavam-se ás carreiras, na cobiça das riquezas do sólo: depois, deslumbrados com a opulencia da terra, ahí firmavam a habitação, esperançados de mais risonho porvir.

O *habitat* novo pedia o lar, este exigia o laço social da familia, e assim os portuguezes de ultramar e os naturaes de outras partes do Brasil, vindíços ás Minas, iam se naturalizando Mineiros.

Nossas villas mais antigas — Villa do Ribeirão do Carmo (Marianna) Villa Rica e Villa do Príncipe (Ouro Preto e Serro), Pitanguy, Villa Nova da Rainha (Caeté), Fanado (Minas Novas), São João e São José d'El-Rey, São Bento do Tamanduá e Campanha da Princesa, Sabará e Paracatu — nos quatro pontos cardeaes das Minas, nos primeiros tempos do povoamento, iam tendo seus primeiros filhos illustres, uns adoptivos, outros natos, estes oriundos dos primeiros.

Por isso, nossas chronicas locais enumeram quantidade de varões notaveis, (**) em perfeito anachronismo com a data da fundação dos primeiros descobertos, origens de arraiaes e villas futuras. Mas é que o bairrismo se accentua em Minas, desde os primordios do povoamento.

O bandeirante Antonio Dias, Ouro Preto o adopta como o patriarcha de sua fundação: como Marianna tambem o fez com o sertanista

(*) *Le Droit, L'Etat, Civil, leon. de Lucile, Paris, 1886 — pag. 225 4.ª ed.*

(**) Na *Nobilitarchia Paulistana*, de Pedro Tacques, nas *Notas Genealogicas*, do Dr. João Mendes de Almeida, na *Historia Antiga dos Minas*, do Dr. Diogo de Vasconcellos, nos *Apontamentos*, que o Alferes Luiz Antonio Pinto tem publicado em varios fasciculos da *Rev. do Arch. Pub. Min.*, se veem os nomes desses 1.ºs povoadores da terra Mineira, em maioría oriundos de importantes familias paulistanas, portuguezas, bahianas, &c. Assim, os Vazes, Toledos, Buenos, Siqueiras, Alvarenga, Hortas, Silveiras, Vasconcellos, Coelho, Paes Lemos, Barbosas, Rodrigues, Lemos, Barretos, Cabraes, Godoys, Fonecas, Almeidas... no Serro Frio.

nista Coronel Salvador Furtado. Assim tambem o Serro com seus primitivos descobridores e povoadores, aos quaes os chronistas coloniacos e posteriores passaram carta de «filhos do Serro», fundando nesses ancestraes da familia Serrana os primeiros luminares da descendencia illustre da gente de *Hiciburuby*.

II

Não se extranhe, pois, que alinhemos neste modesto bosquejo de algumas biographias de contemporaneos nossos, os nomes de Serranos natos e os de outros, que Serranos se tornaram pela adopção fervorosa da terra, que vieram habitar. Alguns, pela actual divisão judiciaria e administrativa, teriam nascido em municipios e comarcas diferentes do Serro: mas é que, do seculo 18.º até ás primeiras decadas do 19.º, a Comarca do Serro do Frio, com sede em Villa do Príncipe, abrangia territorio immenso, no qual viriam a se enervar hoje muitos e vastos municipios de Minas. Basta dizer que, ainda em 1830, a comarca do Serro comprehendia *Vinte e nove* (29) freguezias, todas povoações importantes, algumas hoje cidades, outras simples districtos de paz da nova e admiravel organização municipal do Estado de Minas.

Dos inumeros sertanistas paulistanos e portuguezes, que percorreram a zona norte-mineira, depois submettida á jurisdicção dos ouvidores de Villa do Príncipe, nem todos acamparam no local da futura cidade serrana, ahí constituindo moradia. Alguns mesmo só rapidamente passaram pelo vasto territorio do Serro, entre as bacias dos rios Jequitinhonha e Doce: Sebastião Fernandes Tourinho, Jorge Dias, o padre jesuita João Azpilcueta Navarro (*) João Coelho de Souza, Antonio Dias Adorno, o cap.º Marcos de Azeredo Coutinho e seus filhos Antonio e Domingos de Azeredo, com o padre Francisco de Moraes e os jesuitas Luiz de Sequeira e André dos Banhos, Fernão Dias Paes Leme, Garcia Rodrigues, Mathias Cardoso... e tantos outros, são simples exploradores, que não permanecem no territorio. Mas outros já chegam dos fins do seculo 19.º em diante, e vão abivacando, em improvisados abarracamentos, com visos de se fixarem no paiz descoberto, nesse paiz do Serro do Frio, ou *Hiciburuby*.

(*) Esta viagem do P.º João Azpilcueta Navarro e do castelhano Francisco Bruzza de Spinosa (Espinosa, segundo outros), ao territorio que constituia mais tarde a comarca vastissima do Serro Frio, está hoje perfectamente verificada. — Varuhagen — *Hist. Geogr.* 1.ª ed., vol. I, pag. 400-402 e prof. Capistrano de Abreu, — *Notas para o passo historico*, na *Rev. do Arch. Min.*, vol. VI, pag. 336-337.

ruhy dos gentios, assim chamado «por ser combatido de frigidissimos ventos, todo penhascoso e intratavel», diz Claudio Manoel, no fundamento historico do seu primoroso poema *Villa-Rica*.

Chamam-se Antonio Soares, Antonio Rodrigues Arzão, Bartholomeu Bueno de Siqueira, Fernão Dias Paes, Coronel Francisco de Robredo de Vasconcellos, Balthazar de Lemos e Siqueira, Manoel de Mattos Sotto Maior, Lucas de Freitas de Azevedo, tenente Amaro dos Santos de Oliveira, Manoel Paes Barreto, Luiz Telles de Miranda, Jeronymo Rodrigues Arzão, Lucas Soares Moreno, Pedro de Miranda, Francisco Machado da Silva, Gaspar Soares... esses novos bandeirantes, vindos de São Paulo para explorarem o amplo palz frigidissimo do Serro, onde brilhavam as verdes esmeraldas do Rio Doce, onde fulgia o bello ouro de Itapanhoacanga, onde scintillavam os limpidos diamantes do Tejuco.

III

Alguns desses sortanistas já se localisam por essas paragens de Minas e ali se estabelecem e formam familia no Serro, transmittindo aos descendentes os cognomes, que se encontram, frequentemente repetidos, posteriormente, em varias familias do Serro, no correr do seculo 18.º, como se pôde vêr dos registros parochiaes e assentos ecclesiasticos de baptismos, casamentos e obitos da matriz da Villa do Principe.

Requerem sesmarias extensas de terras de cultura e de mineração; pedem honras e postos militares pelos serviços de exploração, e descobertas auríferas; trazem de São Paulo e mais tarde da metropole as familias, para com ellas residirem no Serro do Frio.

Está feito o arraial das *Lavras Velhas do Serro*, que o governador Dom Braz Balthazar da Silveira origio em Villa do Principe do Serro Frio, em 1714. O povoamento prosegue, sob felizes auspicios.

Lucas de Azevedo cresce em honras, é «Mestre de Campo do descobrimento das esmeraldas e mais pedras preciosas, na região do Serro Frio», «em attenção aos seus merecimentos e capacidade», diz a nova patente, que lhe passa o integro e severo Conde de Assumar, confirmando a anterior, que lhe fôra dada por Dom Braz Balthazar da Silveira. Luiz Borges Pinto obtem de D. João V, em 1740, a patente de «Capitão-Mór do Sertão do Sul e todas as vertentes do Rio Doce até o Rio Pardo, na comarca do Serro Frio». Lourenço Henrique do Prado recebe de Dom Braz da Silveira a patente (1714) de Sargento-Mór do Terço dos auxiliares do Itambé do Serro. Manoel Correia Arzão é confirmado pelo mesmo Governador (Abril de

1714) no posto de Capitão das Ordenanças da Villa do Principe e seu districto.

Os outros descobridores igualmente se adeantam em cabodães e melhoria social, na nova terra. Da criação da Villa decorrem muitos beneficios; surge a vida municipal, com o Senado da Camara, que se installa, em 1715, sendo eleitos os primeiros vereadores pelo povo: Geraldo Domingues (1.º Juiz), Jeronymo Pereira da Fonseca (2.º Juiz), Antonio de Moura Coutinho e Luiz Lopes de Carvalho, sendo Manoel Mendes Fagundes, o Procurador.

A propria africana Jacintha de Siqueira, annunciadora feliz do ouro a granel, no correjo desde então chamado *Quatro-Vintens*, levantara a primeira rustica ermida catholica, onde hoje é a igreja da Purificação. Não tardariam os sacerdotes.

Vem o 1.º Vigario encommendado da Matriz serrana (cuja padroeira é N.S. da Conceição), o Padre Antonio de Mendanha Souto Maior, de certo parente da esposa do mestre de Campo Lucas de Azevedo, a distincta dama Dona Izabel de Mendanha Souto Maior. No tempo do padre Mendanha, era Vigario da Vara o rev. doutor Joseph de Crasto Couto, residindo tambem, no Serro, o padre Luiz Pinto de Almeida, em quem o Vigario da Vara delegava muitas vezes as suas funções, na administração de sacramentos aos paroquianos.

De fins de 1724 até 1776, por um longo periodo de 52 annos, exercera o parochiato de Villa do Principe, como 1.º Vigario collado, já o tendo sido antes da Vara, o padre Simão Pacheco, que alli fallece (18 de Janeiro de 1776). Bernardo da Fonseca Lobo, feliz aquinhoado da fortuna, com aquelles seixos brancos, usados no Tejuco como tentos de jogar (vide Joaquim Felicio, no romance *Açayaca*), e que Lobo vem a saber que eram purissimos diamantes, tão valiosos como os que então vinham das remotas minas do Indostão, na Asia — obtem d'El-Rey D. João 5.º tenças, mercês e pensões, por ter annunciado á metropole as riquezas diamantinas do Tejuco.

Para Villa do Principe vae Lobo, com a patente honorifica de Capitão-mór da Villa, em sua vida, e com a propriedade do rendoso officio de Tabellião da Comarca do Serro do Frio, alem das vantagens feitas ás suas duas irmans, solteiras, no Reino, Maria e Margarida, ambas Nunes Machado de cognome. Isto em 1734.

A vida civil, as relações forenses se iniciam no Serro, deante dos togados vindos do Reino, eivados das tradições juridicas regalistas, ensinadas em Coimbra aos futuros magistrados colonias.

Os ouvidores geraes da comarca residem na Villa do Principe: o dr. Antonio Rodrigues Banha (1721), o dr. Antonio Ferreira do Valle e Mello (1729), dr. Simão Borges de Azevedo (1741), dr. Francisco Moreira do Mattos (1747), este, o velhote empertigado em finos vestuarios, mas bonacheirão e tolerante, sem asperas demasias de autori-

dade (*) para com seus jurisdicionados, como diz Felício dos Santos, em suas nunca assás gabadas *Memórias do Districto Diamantino*; o dr. José Pinto de Moraes Bacellar (1753), o enfatuado verdugo de Felisberto Caldeira, o *Contractador*, a quem perseguiu, com grave e escandalosa injustiça; o dr. José Pereira Sarmiento (1759), o dr. Francisco de Souza Guerra e Araujo (1772), que foi também Intendente interino no Tejuco; o dr. Joaquim Manoel de Seixas Abranches (1780), que além de Ouvidor Geral exercia as funções de Provedor e Corregedor da comarca. Esses doutores, bachareis e licenciados em leis traziam à Villa noções de ordem, paz e justiça, apartando as discordias e removendo a anarchia dos primeiros tempos da occupação do solo.

Em 1811, a metropole (alvará regio de 6 de dezembro) creou mais uma magistratura togada na Villa do Principe, com o cargo de Juiz de Fôra, mantida a Ouvidoria, que ainda continuaria com o dr. João Evangelista Faria Lobato (1817), depois Senador do Imperio, até se extinguir com o dr. Antonio José Vicente da Fonseca (1821) e o dr. José Antonio de Siqueira e Silva (1826), os ultimos dous Ouvidores do Serro. Juiz de Fôra seria ainda o dr. Manoel Fernandes Corrêa Pinto (1825), cujo logar depois da Constituição do Imperio, passou a ser exercido por Juizes Municipaes e de Orphãos, com dupla jurisdicção para o cível e crime na Comarca.

IV

Os sacerdotes igualmente edificam a Villa com fecundos exemplos de cordura, virtudes e illustração. O padre Dr. Joaquim Brandão (1782), afamado pregador, varão caridoso, intrepido e justo, no conceito de Felício dos Santos, nas citadas *Memórias*; e o padre Francisco Rodrigues Ribeiro de Avellar (1817), deixam bemquistos nomes, como Vigários.

Acresce que em Villa do Principe a sociedade é numerosa de gente branca, reinões e paulistas sobretudo, occupando os mais notáveis cargos de justiça e administração.

A metropole, attendendo à riqueza, extensão e povoamento da comarca, creára na séde desta (Villa do Principe) diversos logares, para o complicado funcionalismo colonial: o Ouvidor geral, o Provedor, o Intendente da fundição, o Juiz de Fôra, Tabelliães, Inquiridor

(*) O Ouvidor Mattos applicava á risca o sabio conselho do panegyrista de D. Frei Manoel da Cruz (1.º bispo de Marianna): *Pode-se ser justo sem os excessos da justiça, pto sem as fraquezas da piedade...*

do crime, Thesoureiro de ausentes, Meirinho geral, Meirinho do Campo, Alcaide municipal, Meirinho de ausentes, Meirinho da Almotaceria, Meirinho da Real Fazenda e os respectivos Escrivães da Ouvidoria, das Execuções, da Camara, da Provedoria, de Orphãos, havendo também os diversos escrivães dos Meirinhos, da Alcaidaria, e do Almotacé, além do Porteiro dos Auditorios da comarca.

Ainda em Villa do Principe existia um Capitão-Mór com 22 companhias de ordenanças de homens brancos, 13 companhias de homens Pardos e 6 de Protos, todas sob a jurisdicção militar do Capitão-mór. Isto só na séde, sem contar que na Comarca havia 2 regimentos de cavallaria auxiliar, o primeiro de 9 companhias, o segundo de 8, conforme se deprehende da *Memoria Historica da Capitania de Minas Geraes*, (*) do Dr. Diogo Pereira de Vasconcellos, quando trata de *Villa do Principe*.

Dahi se infere a importância da Villa, no seculo 18.º e mesmo nos primeiros decennios do seculo 19.º

Populosa, bem policiada, residencia obrigatoria de altas auctoridades administrativas, judicarias, e militares, Villa do Principe era então como que a capital politica de todo o sertão norte-mineiro.

A instrucção limitada ás primeiras lettras e ás humanidades, nunca faltou aos Serranos, mesmo na época colonial, pois então o famoso *Subsidio litterario*, cobrado pela metropole aos vassallos do Brasil, dava para remunerar os inesqueciveis *Mestres Regios*, partidarios decididos e praticos do *convivente systema pedagogico*: *Litteræ non intrant sine sanguine...*

Em 1825 a Camara, então composta do Juiz de Fôra Dr. Manoel Fernandes Corrêa Pinto, como presidente, dos Vereadores Capitães Antonio José Gonçalves e Domingos Pereira Guimarães, Cadete José de Faria Machado, tendo como Procurador o Capitão José Ferreira Carneiro e como Escrivão Antonio Teixeira Ottoni—estipendiava os professores Francisco de Paula Coelho de Magalhães (de grammatica latina), Antonio Gomes Chaves (de primeiras lettras), havendo ainda outros professores notaveis, como o Padre Joaquim Gomes do Carvalho (optimo latinista), o poeta José Paulo Dias Jorge, José Joaquim Bento de Oliveira, Padre Marcos Vaz Mourão, espalhados na comarca, nessa época. (1825).

Feita cidade a villa, pela lei mineira n. 93, de 6 de Março de 1838, restaurando lhe a Assembléa Provincial Mineira o primitivo nome historico, a cidade do Serro desde então, com pequenas intercadencias de prosperidade, tem sempre decahido.

Sua legenda gloriosa de *mater* creadora do Norte de Minas, suas tradições brilhantes de civilisadora do sertão na vasta zona, onde

(*) Vide Vol VI da *Rev. do Arch. Publ. Min.*, pags. 785—792 e 830 a 834.

correm os rios Jequitinhonha, Santo Antonio, Guanhões, o Correntes de Canóas e o Correntinho, os dous Suassuhys, o Doce, o Fanado, o Arassuahy; sua aureola inoffuscavel de ter sido berço de tantos Brasileiros illustres, nas letras e na sciencia, na Igreja e nas armas: são ainda os titulos de renome e valor, os brazões da velha *urbs* das « montanhas frias » de Minas.

Todavia, tomando a ideia do Pompeyo Gener, o illustre critico hespanhol, no seu soberbo livro *Heregias*, diremos que « é nossa convicção muito arraigada que se serve muito mais á Patria, apontando-lhe seus vicios fundamentaes do que adulando-a com frases já consagradas pelo uso.»

Ora, ao velho Serro cabe, sem malicia, a queixa do Danto á cidade florentina: *Parvi mater amoris*, sim... mãe de pouco amor para com os filhos que a extremecem. E' verdade tambem que outros filhos a têm profundamente esquecido, deslembrados de que lá no vetusto *Hivituruhy* corações maternos e peitos amigos soluçam por causa delles a perenne elegia das saudades sinceras...

V

Claudio, o amavel *Glauceste Saturnio*, na *Villa Rica* (*) (1773) allude á chegada dos bandeirantes de São Paulo ao *Hivituruhy*, em varias passagens do poema:

... «E crêm que era chegado Fernão Dias,
Amparado do engano, ás serras frias
Destes sertões...»

CANTO TERCEIRO, PAG. 23.

Essas serras frias, onde as rispidas nortadas vindas do alto sertão agreste de Minas, faziam tiritar os sertanistas impavidos, e onde os cabeços dos montes se toucavam de nevoeiros frequentes, embaçando o horizonte largo e longinquo, com a balisa escura e desconforme do *Itambé* alteroso, guardavam valles riquissimos de pedras e metaes cobiçados...

(*) *Villa Rica* (Poema de Claudio Manoel da Costa, Arcade Ultramarino com o nome de Glauceste Saturnio), edição de Ouro Preto, 1897, na Typ. do *Estado de Minas*. E' a edição a que recorremos nestas citações.

«E do Indo será menor a gloria
Quando vir apagar sua memoria
Nas terras onde o solo ignala o dia,
Do meu Jequitinhonha onde fria
Sobre grossos canaes no alto erguidas
As correntes do rio e divertidas
Da margem natural, darão entrada
A' industriosa mão, que já rasgada
Uma penha, e mais outra faz que a terra
Descubra aos homens o valor, que encerra.

CANTO OITAVO, PAG. 71.

E mais adiante o poeta, no mesmo canto, acrescenta outros versos, mostrando que, além do ouro e diamantes,

«As safiras azues produz a serra
Do Itambé...»

(PAG. 72)

nesse rico territorio do distante Serro, onde se levanta outra Villa de Minas... «que do Principe se canta», todas ellas

«Ditasas povoações, que hão de algum dia
Encher de lustre a lusa monarchia.»

CANTO NONO, PAG. 78

VI

Pois é ahí neste alpestre recanto do Serro, cantado pelo maior e mais delicado dos poetas mineiros da era colonial, que vamos travar conhecimento com bellos espiritos, muitos delles poetas de fino quilate, pelo estro espontaneo e meigo de suas lyras campesinas. Os manes de José Eloy Ottoni, José Paulo Dias Jorge, João Nepomuceno Kubitschek, Lucindo Filho, João Salomé de Queiroga..., saudosos poetas todos mortos, que não nos desmintam os gabos, ao commum torrão natal de veneravel ancianidade.

Pode-se dizer que, exceptuando a velha e gloriosa antiga Capital mineira (Ouro Preto), nenhuma cidade de Minas rivalisa com o Serro no numero de filhos illustres dados á Patria.

Escassos os informes, esparsos os dados e documentos, esta monographia se resentirá de um certo desalinhavo, peculiar aos estudos historicos do passado de Minas Geraes.

As fontes escriptas são opulentas, mas jazem esquecidas e desordenadas; muitas com estragos e extravios taes que difficil será dellas colher algum proveito. Para classificar-as e trazel-as a um deposito carinhoso já temos em Minas, nos ultimos annos, um *Archivo*

Publico, que reedita documentos importantissimos de nossa vida colonial, nesta bem cuidada *Revista*. Nas paginas desta, em curiosos documentos ali pacientemente copiados e eruditamente annotados pelo respeitavel e velho pesquisador, sr. Alferes Luiz Antonio Pinto (chronica viva, memoria feliz das tradições gloriosas da outr'ora Villa do Principe); nas magnificas *Memorias do Districto Diamantino* (do Tejuco, comarca do Serro Frio) do fallecido senador federal, Dr. Joaquim Felicio dos Santos, com succulentos capitulos sobre a vida administrativa e politica do povo serrano, em geral: foram bebidas preciosas e seguras informações historicas para esta monographia, que estuda um dos mais opulentos capitulos da chronica do Serro Frio.

Ha alguma cousa mais, como a *Noticia da Villa do Principe*, escripta por Joaquim Gonçalves de Aguiar, e algumas notas dos ilustres José Marques de Oliveira, no *Almanack de Minas*, de Antonio Martins, anno de 1864, pags. 197 e 189, e professor José Coelho Tocantins de Gouvêa, no n. 50 do jornal *Mensageiro*, além do que Auguste de Saint-Hilaire escreveu sobre o Serro em seus livros de Viagens (Vide *Voyage dans le District des Diamans et sur le littoral du Brésil*, Tome Premier, edição de 1833, pags. 85, 86 e 87.)

A nossa *Memoria Historica e Descriptiva da cidade e municipio do Serro* (publicada em Ouro Preto, em 1805, num folheto in-8°, de 22 paginas), com sêr muito deficiente e lacunosa, todavia enfeixou copia de factos e dados, muitos até então ignorados e obscuros, sobre a terra serrana. Nas *Ephemerides Mineiras* do illustre e pranteado Xavier da Veiga, faltou referencia condigna á importancia do Serro, como Villa colonial ou cidade do Imperio.

Por conseguinte, ao tratarmos agora dos filhos illustres do Serro, dos já extinctos tão somente, sem excepção para os vivos, por mais notaveis que estes o sejam, novas lacunas e deficiencias enxamearão, por certo, neste humilde esboço historico.

E' o caso: *Faciant meliora potentes...*

CAPITULO SEGUNDO

SUMMARIO: SERRANOS NATOS E ADOPTIVOS: POETAS, ESCRIPTORES, ECLESIATICOS, MILITARES, CHRONISTAS, JURISCONSULTOS, MEDICOS, PROFESSORES, ARTISTAS, NEGOCIANTES E OUTROS CIDADÃOS NOTAVEIS.

I

Que se nos releve a menção dos saudosos e illustres Serranos, que agora vamos fazer — sem obediencia quer á seriação alfabética, o que seria fatigante, quer ás datas de nascimento dos biographados, para dispol-os chronologicamente, como mais methodico fóra.

José Eloy Ottoni.— Nasceu no Serro a 1.ª de Dezembro de 1764, sendo filho legitimo do fundador da Intendencia do ouro da Villa do Principe, Manoel Vieira Ottoni, descendente de genovezes e de sua mulher D. Anna Felizarda Paes Leme, filha de paulistas.

José Eloy, tendo cursado a aula de latinidade, no visinho arraial do Tejuco (hoje Diamantina), quiz melhor se aperfeiçoar, no estudo das letras latinas em um bem reputado collegio do arraial de Cattas Altas de Matto Dentro, onde foi dado antes por Mestre eximio que por discipulo, no convivio dos classicos.

Sentindo-se com pendor para as bellas letras, conseguiu José Eloy seguir para a capital do Reino, onde os seus creditos de mavioso poeta foram logo bem cotados, seguindo depois para Roma, onde teve longa estada, peregrinando tambem pela Italia. Dahi voltou a Portugal, com tenções de regressar ao Brasil, obtendo então a nomeação de professor de latim para a Villa de N. S. do Bom Successo do Fanado (hoje cidade de Minas Novas), onde se casou com uma sua parenta, D. Maria Rosa do Nascimento Ottoni, filha do Coronel Manoel José Esteves.

Depois de residir alguns annos em Minas Novas, José Eloy resolveu nova viagem para Lisboa, onde a illustre poetisa Marqueza de Alorna (conhecida tambem por condessa de Oyenhausen) muito o protegeu e o recommendou a seu genro, o Conde de Ega, então embaixador portuguez em Madrid, para onde foi José Eloy como secretario de legação, em 1807, por occasião da invasão franceza em Portugal, com as hostes de Junot. Desgostoso do cargo diplomatico, José Eloy se retirou de Madrid para o Reino e dahi para a Bahia (1808), onde ficou algum tempo protegido pelo então governador Conde dos Arcos. Passou-se em seguida ao Rio de Janeiro, de onde, sempre anciando por melhor collocação, voltou a Lisboa 3.ª vez em 1821, anno em que Minas o elegeu deputado ás Cortes Constituintes de Lisboa, mas não tomou nellas assento, por lhe ter chegado tardo o diploma e ter-se declarado a independencia do Brasil.

Baldo de recursos para voltar ao Brasil, esteve José Eloy em Lisboa, até 1825, depois da sua terceira viagem ao Reino; e em fins desse anno, regressando ao Rio, obteve definitiva collocação no cargo de official da Secretaria de Marinha, o qual exerceu até morrer, vivendo sempre longe da familia, tendo por unico consolo os seus trabalhos de poesia religiosa.

O renome poetico de Eloy Ottoni provém dos seguintes trabalhos, em muitos dos quaes reponta a inspiração mystica da poesia religiosa, para a qual se voltou elle, inteiramente, no fim da vida, como se pôde vêr nas lindissimas glosas e traducções — que fez do latim da *Vulgata* — do *Miserere* e do *Stabat Mater*; no *Livro de Job traduzido em verso*, em tercetos hendecasyllabos; na *Paraphrase*

dos *Proverbios de Salomão em verso portuguez*, em quadras octosyllabas.

Outro trabalho de José Eloy, e infelizmente desaparecido, é a tradução das *Georgicas* de Virgílio, para versos portuguezes. A *Paraphrase* foi impressa, em 1815, na capital da Bahia, na typographia de Manoel Antonio da Silva Serva; e reimpressa no Rio de Janeiro em melhor edição, em 1841; e a admiravel tradução do *Livro de Job* foi publicada, em 1852, no Rio de Janeiro, em edição hoje rarissima, pelo conego Dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, com um prefacio biographico sobre o poeta por seu sobrinho o Dr. Theophilo Benedicto Ottoni, sob o titulo: *Noticia historica sobre a vida e poesias de José Eloy Ottoni*, escripta em 1851, e publicada com aquella tradução do *Livro de Job*.

Ainda ha de Eloy Ottoni um *Drama allusivo ao character e talentos de Bocage*, onde se vê que o estylo poetico de Ottoni se resente de uma certa influencia bocagiana. E em geral pôde-se com franqueza dizer da poesia de José Eloy que ella nenhum cunho nativo da terra brasileira teve. O poeta, como bem salientou o Sr. Dr. F. Badaró, no seu *Parnaso Mineiro*, se esqueceu do Brasil, «escrevendo epitaphios e epithalamios, aquelles em latim, estes em oitava rima portugueza, treçalando sempre a lusitanismo. Lingua, costumes, tradições, tudo elle esqueceu para identificar-se com Portugal».

Sylvio Roméro acha que José Eloy é o patriarcha dos novos poetas brasileiros, e que dentre os lyricos é o que mais suavidade romantica tem. Diz mais que o poeta compez carmes patrioticos sobre a aspiração politica dos Brasileiros de se separarem de Portugal; mas acha que José Eloy foi mais um crente do que um revolucionario. Vide *Historia da Litteratura Brasileira*, 1.º volume.

Desde a volta de Eloy ao Brasil, em 1825, anno em que se empregou na Academia de Marinha, não abandonou jámais o convivio dos classicos de nossa bella lingua, em que foi eximio escriptor, até a data de sua morte, no Rio de Janeiro, em 3 de Outubro de 1851, aos 87 annos de idade. Está sepultado no cemiterio de S. Francisco de Paula o notavel poeta Mineiro, filho de que muito se orgulha o Serro, porque José Eloy, como disse um seu biographo, «é um desses homens que têm o poder de illustrar seu berço e de realçar a patria,» embora — ajuntamos nós — pouquissimo houvesse elle amado ao torrão serrano.

Geraldo Pacheco de Mello.—Nasceu no arraial de Santo Antonio do Itambé do Serro (municipio do Serro Frio). Era ourives e mechanic habil e pelos seus conhecimentos nessas artes concebeu e levou a effeito o fabrico e montagem de um prelo, onde editou o *Liberal do Serro*, pequena folha apparecida em 1831, no Itambé (7.º

localidade de Minas Geraes, que, na ordem chronologica, possuiu uma imprensa).

Esse novo Guttemberg serrano era um ardoroso patriotico e discipulo das idéas politicas de Theophilo Ottoni: verdadeiro genio, na mechanic, Geraldo de Mello nunca vira machinas nem typos de imprimir, pois jámais sahira do obscuro arraial onde vivia, junto ás escarpas alterosas da serra do Itambé. Quasi ao mesmo tempo em que Geraldo de Mello cogitava de montar um prelo no Itambé, fundindo ás peças para a machina de impressão e os typos de composição, embora não tivesse a menor noção de arte typographica: no arraial do Tejuco (então sujeito á jurisdicção de Villa do Principe) dou outros patriotas, o habil ourives Manoel Sabino de Sampaio Lopes e o jovem João Nepomuceno de Aguillar tratavam do mesmo objecto, isto é, montavam prelo e fundiam typos, com os quaes imprimiram o «emanario *Echo do Serro* (1828).

Doutor Pedro Caetano Sanches de Moura.—Este filho do Serro, fallecido a 20 de Agosto de 1909, na sua cidade natal, para onde viera desde 1837, data de sua formatura, na Faculdade de Direito de S. Paulo, nas primeiras turmas de bachareis, no Brasil, era um vigoroso espirito, já como eminente juriconsulto, já como homem de letras, versado no convivio dos classicos latinos e gregos, quasi um polyglotta, sabedor que era de numerosos idiomas (latim, grego, francez, italiano, allemão, inglez, hespanhol...).

Antigo politico conservador, foi deputado provincial na Assembléa Mineira (legislatura de 1844-45), tendo sido tambem Juiz Municipal do Serro, ha muitos annos. O Dr. Pedro Caetano (o *Nestor Brasileiro*, como já o chamavam), abandonou a politica e a magistratura, entregando-se somente ás letras e á sciencia do Direito, vivendo afastado dos homens e do bulicio da cidade, na sua aprazivel chacara, do *Pasto Paulinho*, em um acralde do Serro. O povo já pittorescamente o chamava, o «Dr. Pedro da Chacara». Logou quasi toda a sua fortuna ao hospital da Santa Casa de Caridade do Serro, que lhe fez pomposos funeraes. Era condecorado com o officialato da ordem da Rosa no antigo regimen. Da sua vasta e riquissima bibliotheca me dá noticia o talentoso collega dr. Evaristo de Oliveira, que a está manuseando, no Serro, maravilhado com as preciosidades classicas, que tem encontrado, nos escolhidos livros do dr. Pedro Caetano.

General Antonio Ernesto Gomes Carneiro.—Nasceu no Serro, a 28 de Novembro de 1846, sendo filho legitimo de Mariano Ernesto Gomes Carneiro e Dona Maria Adelaide Gomes Carneiro; morreu a 9 de Fevereiro de 1894, na cidade da Lapa, Estado do Paraná, com 47 annos e quasi dois mezes de idade. Mor-

reu commandando os soldados logaes sitiados na Lapa pelas forças revolucionarias rio-grandenses, commandadas por Gumercindo Saraiva. Um dia antes da sua morte, o Governo Federal o promovera de Coronel do Corpo de Engenheiros Militares ao posto de General de Brigada, por actos de bravura em combates. O decreto que o promoveu tem a data de 8 de Fevereiro de 1894 e está assignado pelo marcehal Floriano Peixoto e general Bibiano Costallat, este ministro da Guerra e aquelle Vice-presidente da Republica. Em 1856, ainda na tenra idade de 10 annos, foi Gomes Carneiro cursar o Seminario de Diamantina (cidade visinha a sua terra natal); em fins de 1858 sahio de Diamantina e quando contava 17 annos sua familia o levou para Curvello (cidade mineira que em vão disputa ao velho Serro a gloria de ter sido o berço natal do General Carneiro). No Curvello permaneceu Gomes Carneiro até sua ida para o Rio de Janeiro, a fim de seguir a carreira das armas, que era constante anheio seu; no Curvello exercera a modesta profissão de caixeiro de pharmacia, ao mesmo tempo que continuava a estudar latim, portuguez e outras materias, com o padre Francisco Martins do Rego, seu professor. Chegado então a Capital do Imperio, e não conseguindo de prompto sua matricula, na Escola Militar, Gomes Carneiro passou a seguir (1863) o curso de humanidades no velho e abalitado mosteiro dos Benedictinos. Depois veio aquelle affrontoso repto do tyranno paraguay, a cujos insolitos e traiçoeiros ataques respondeu o Brasil com a potente voz de ferro dos canhões... Data de então a brilhante carreira de Gomes Carneiro, que partiu para o Paraguay como simples soldado do 1.º Corpo de Voluntarios da Patria, organizado na Côrte. Até conquistar os postos de 1.º sargento e alferes por bravura, tendo sido ferido em combates, ficou Gomes Carneiro naquelle Corpo, sendo transferido depois para o 23.º de Voluntarios Mineiros. Finda a guerra, voltou ao Brasil e, em 1872, se matriculou na Escola Militar o já alferes do Exercito Gomes Carneiro, que foi promovido por estudos aos postos de tenente (1875) e de capitão (1877); por merecimento obteve as promoções de major (1887), tenente-coronel (1890) e coronel (7 de Abril de 1892). Na sua turma era considerado o melhor alumno da Escola Militar e seus proprios collegas faziam delle o mais alto conceito. Os Congressos Legislativos dos Estados do Paraná e S. Paulo (este pela lei de 21 de Agosto de 1894) mandaram levantar o primeiro, um monumento na cidade da Lapa, e o segundo uma estatua na Capital paulista, perpetuando o heroismo e valor do distincto general serrano, que morreu como um bravo, em serviço e defesa da causa que julgava ser justa e legal. Em Minas, no ramal ferreo do Bello Horizonte, a mais bella estação tem o nome de *General Carneiro*, a quem o Congresso Mineiro, pela lei n. 170 de 3 de Setembro de 1896, mandou que se levantasse, opportunamente, uma estatua na Nova Capital.

O general Gomes Carneiro era genro do bravo general Tiburcio de Souza (do Ceará), com cuja filha Dona Margarida de Souza Gomes Carneiro se casou e deixou alguns filhos. A 15 de junho de 1881, tendo acompanhado a D. Pedro II, na viagem imperial á então provincia de Minas, foi agraciado com o grau de cavalleiro da ordem militar de São Bento de Aviz. No Estado de Matto Grosso, ha uma estação de telegrapho federal com o seu nome. Existe ainda no exercito um seu irmão, o actual T.º Cor.º Pedro Gomes Carneiro, correcto militar.

Da estada de Gomes Carneiro, no Curvello, por alguns annos, é que provem o engano de muitos escriptores, que julgam, erradamente, ser essa cidade Mineira e não a legendaria Villa do Principe (Serro) o berço de nascimento do valente militar. Como triste coincidência do destino, notaremos que Gomes Carneiro, nascido no Serro (outr'ora Villa do Principe), foi morrer justamente nessa outra Villa do Principe, como antes se chamou a cidade da Lapa (no Paraná), nos tempos coloniaes!

Desembargador João Salomé de Queiroga. — Este notavel poeta e jurisconsulto, filho de S. Gonçalo, municipio do Serro, era formado pela Faculdade de S. Paulo, e falleceu, repentinamente, em Ouro Preto, onde era Juiz de Direito, a 25 de Agosto de 1878, já quasi septuagenario, pois nascera em 1810.

Tendo seguido a magistratura, Salomé era Juiz de Direito da comarca de Ouro Preto e estava nomeado desembargador para a Relação de Pernambuco, quando a morte o colheu de subito. Em São Paulo, estudara direito com seu irmão Antonio Augusto, outro poeta, e ambos alli fundaram um gremio literario, a *Sociedade Philomatica* (1829). Ahi começou elle a compor poesias de um pronunciado sabor nativo, com um sainete agreste e campezino, tocado ás vezes de um delicado lyrismo pessoal. Nos *Arremedos* estão suas poesias primitivas e tambem no *Canhenho*. Nunca abandonou as musas, que lhe foram grato consolo na velhice, na qual conservou sempre a veia humoristica, ás vezes rude demais. Mineiro dos velhos tempos, simples e franco, Salomé de Queiroga se destacava muito das novas gerações pelos seus habitos e estylo. Sem ser um genio, seu estro era inspirado; elle mesmo se intitidou o *Poeta das brechas*, procurando vasar no verso os costumes e as lendas sertanejas, contribuindo assim para o melhor conhecimento e divulgação do opulento *folk-lore* mineiro. Suas poesias ficaram, em grande parte, colleccionadas em dous livros: *Canhenho de Poesias Brasileiras*, 1870 (edição da casa Laemmert) e *Arremedos ou Lendas e Cantigas Populares*, 1873 (typographia *Perserverança*, Rio), além do que deixou em jornaes mineiros e do Rio, notadamente em periodicos de Diamantina (*Jequitinhonha*, *Monitor do Norte*, *Voz do Povo*...) e na *Actualidade*,

do Rio de Janeiro. Publicou em 1871 um romance *Maricota e o pa-are Chico*, *Lendas do Rio São Francisco*, desenrolando-se a acção rarsvez de scenas do sertão, com natural pintura de usos e costume da gente ribeirinha ao grande rio norte-mineiro. Explorou tambem no verso algumas lendas mineiras, como o *Menino Diabo*, *O Irmão Lourenço*, *A Lucadeira do Lucas*.

Senador Christiano Benedicto Ottoni. — Este venerando serrano, que nasceu em Villa do Príncipe, a 17 de Maio de 1811, era irmão do grande Theophilo Ottoni e filho do mesmo leito conjugal de que este proviera. A 18 de Maio de 1896, com 85 annos de idade completos, falleceu no Rio de Janeiro, no Hotel Victoria, ás 10 12 horas da noite, o velho Senador federal por Minas, cujo nome representa um emblema de civismo e labor. Christiano não herdou de seu tio José Eloy a veia poetica, nem seguiu ao irmão Theophilo, na ardorosa pugna partidaria. Mais homem de gabinete, espirito aferrado ao calculo e ás sciencias exactas, sahiu bem jovem do Serro para cursar a antiga Academia de Marinha, onde, findo o curso, e fazendo parte da Armada, chegou a obter os galões de capitão-tenente, posto em que se reformou, exercendo desde então o magisterio. A velha capital de sua provincia natal (Ouro Preto) o teve como professor de mathematicas elementares, curso que elle depois leccionou na Escola Naval, até 1855, escrevendo obras didacticas sobre algebra e geometria, que ficaram classicas no Brasil, onde muitas gerações de estudantes por ellas aprenderam. Depois do magisterio vem a engenharia absorver a forte mentalidade de Christiano Ottoni, que é o creador genial, o executor tenaz desse admiravel traçado da hoje Estrada de Ferro Central do Brazil, nos seus primeiros trechos do Rio á Barra do Pirahy, pela famosa região dos tunneis, da Serra do Mar para o interior do paiz. Uma estação mineira da antiga via ferrea D. Pedro II, situada entre Queluz e Barbacena, conserva o nome do enercio e tenaz vencedor das resistencias moraes e materiaes, que antecederam a construcção desse colossal caminho de ferro brasileiro. Como politico militante, nas fileiras do antigo partido liberal, Christiano representou o então 3.º districto de Minas, na Assembléa Geral, em varias legislaturas (1848, 1861—63, 1867—68) até que, em 1879, deixou de ser deputado geral para tomar assento na nossa antiga Camara Alta, como Senador do Imperio, pela provincia do Espirito-Santo, que o elegera. No Senado do Imperio, onde esteve dez annos, o apanhou a Republica, em 1889, devendo alli voltar em 1892, investido do mandato de Senador federal por Minas Geraes, que havia de representar até sua morte. Homem de estudo antes que tribuno politico, o velho Christiano teve sempre uma palavra convincente servida por um estylo claro e exacto.

Além de seus trabalhos sobre mathematica e assumptos econo-

micos, politicos e sociaes, deixou alguns opusculos: *O Futuro das Estradas de Ferro no Brasil*, *Vida de Theophilo Ottoni* e *Biographia de Dom Pedro Segundo*.

Dr. Manoel Ferreira da Camara Bittencourt e Sá. — Este sabio naturalista, senador do Imperio, no 1.º reinado, antigo Intendente dos diamantes no Tejuco, nasceu no arraial de Itacambirussó, então pertencente á comarca do Serro Frio e ao termo de Minas Novas do Fanado, e hoje districto do municipio norte mineiro de Grão-Mogol, formado em leis e philosophia pela Universidade de Coimbra, em 1788, aos 26 annos de idade, pois nascera no correr do anno de 1762; diplomado em engenharia e lavra de minas pela escola de minas de Fiedberg (Allemanha), onde foi discipulo do sabio Werner, tendo então percorrido os centros mais cultos da Europa, em companhia de outro sabio e seu collega, o grande brasileiro José Bonifacio de Andrada e Silva: Camara já estava no Brasil, ao começar do seculo 19.º, sendo nomeado Intendente dos diamantes em 1807, eleito deputado geral por Minas á Constituinte Brasileira, em 1823 escolhido Senador do Imperio, por D. Pedro I, em 1826 (22 de Janeiro), tendo tomado assento no Senado em 29 de Abril do anno seguinte, e havendo sido um dos redactores da Constituição do novo Imperio, Camara foi tão erudito homem de sciencia quanto austero parlamentar e politico de largas vistas. Era membro das Academias Reaes de sciencias de Lisboa, Stockolmo e Edimburgo; amigo de sabios, que o respeitavam, delle fallando com louvor o bavaro dr. Carlos Frederico von Martius, o francez Auguste de Saint Hilaire, o allemão barão Guilherme Von Eschwege, o inglez John Mawe, os quaes, em suas obras tão conhecidas, narram a prodigiosa actividade, o alto preparo mental do dr. Camara, a quem visitaram no Tejuco (hoje Diamantina), quando elle era Intendente do Districto Diamantino, cargo que o sabio serrano soube nobremente desempenhar, adoeando quasi sempre o rigor das leis da metropole, como bem pondera um de seus melhores biographos, o fallecido senador dr. J. Felicio, nas *Memorias do districto diamantino*. Falleceu o dr. Camara, na Bahia, aos 73 annos de idade, a 13 de Dezembro de 1835, depois de haver prestado grandes e inolvidaveis serviços ao paiz, em geral, e á zona d'onde era filho. Dentre os illustres Brasileiros, que hão brilhantemente figurado no scenario politico e scientifico da Patria, nenhum excede em talentos e serviços ao dr. Camara. Deixou varias memorias e opusculos sobre assumptos de mineralogia: *Ensaio de descripção physica e economica da comarca dos Ilheos* (Bahia); *Observações sobre a carvão de pedra que se encontra na freguezia da Carvoeira* (Portugal); *Memoria sobre as Minas de chumbo e prata e sobre a fundição do ferro por um processo novo* (processo que elle chegou a ensaiar, montando fornos de fundição, no arraial de N. S. do Morro do Pilar

do Gaspar Soares, hoje município de Conceição do Serro, e d'onde elle levou ao Tejuco, na distancia de 25 leguas, as primeiras barras de ferro fundido no Brasil, com grandes festas, cuja descripção se encontra no jornal de então: *Investigador Portuguez*. Escreveu ainda varias *Memorias* de agricultura e industria agricola, sobre o cultivo e preparo da araruta, fumo, cacáu, algodão e especiarias (canella, gengibre, cravo, etc.), tendo se perdido sua grande obra inédita *Tratado de mineralogia no Brasil*. Homem completo, conhecedor de varias linguas, por elle falladas, correntemente, muito viajado, de genio vivo, acção rapida, despida de formalismos legais e de temperamento irritadiço e, às vezes, violento (exemplo, o martyrio do negro *Isidoro, o garimpeiro*), Camara mereceu de seus biographos anteriores (o dr. J. Sigaud, o senador J. Felicio e o dr. Sylvio Romero) elogios e censuras, aquelles em maior porção que estas. Queremos com razão suppor que o dr. Camara tenha sido até agora o talento mais extraordinario, o espirito mais lucido, a mentalidade melhor preparada dentre os filhos de Minas Geraes. No seu tempo, nenhum outro brasileiro lhe foi superior nos varios departamentos da intelligencia, mesmo que nos retiramos aos mais illustres (José Bonifacio, Cayrá, o bispo Colinho, Frei Velloso, José Feliciano, Vasconcellos, Vieira Couto, Accioli...). Estrangeiros do quilate de Saint Hilaire endossariam tal conceito sobre Camara, figura extraordinaria na nossa historia intellectual e politica.

Dr. Flavio Farnese da Paixão Junior.—Nasceu no Serro, em data que ignoramos, mas, provavelmente, entre os annos de 1835-37, e falleceu no Rio de Janeiro a 6 de setembro de 1871. Formado em direito pela Faculdade de São Paulo, em 1856, antigo deputado geral pelo 4.º districto de Minas, na legislatura de 1867-68, e redactor do famoso orgão liberal *Actualidade* (de 1858-61), na antiga Corte, ao lado de correligionarios seus, como os Drs. Lafayette Rodrigues Pereira, Bernardo Guimarães e Pedro Luiz. Mudando de idéas, Flavio Farnese abraçou o ideal democratico e foi um dos importantes fundadores do jornal *A Republica* (1871), no Rio, ao lado de Quintino Bocayuva, Aristides Lobo e outros. De 1862 a 63, Flavio foi um dos redactores do periodico de propaganda *Le Brésil*, em francez, destinado à circulação na Europa, como meio de tornar melhor conhecido o nosso paiz no estrangeiro. Poeta modesto, polemista de valor e escriptor correcto, eis Flavio Farnese, que, dotado de preciosas qualidades intellectuaes, era todavia um organismo physicamente condemnado à breve existencia, tão frauzino, pallido e debil era o seu corpo.

Dr. Lucindo Pereira dos Passos Filho.—Era filho legitimo do illustrado medico mineiro Dr. Lucindo Pereira dos Passos (de Marianna) e D. Maria Salomé Perpetua (de Diamantina). Mais

conhecido por Lucindo Filho, no mundo das letras, esse saudoso poeta mineiro era filho do Serro e não de Diamantina, como dizem alguns de seus biographos. Alli nasceu a 16 de agosto de 1847, quando seu pae, o Dr. Lucindo Passos veio de Diamantina, já casado, clinicar no Serro; e falleceu na cidade fluminense de Vassouras, onde residia, a 30 de Junho ou 1.º de Julho de 1896. Habilissimo medico, formado pela Faculdade do Rio de Janeiro, esteve como medico do exercito (1869-70), no ultimo anno da guerra do Paraguay. Deixou varios trabalhos de sua sciencia profissional: *Dos vomitos rebeldes na prenhez* (1870), *Um monstro acephalico*, *Tratamento das febres pelo bromhydrato de quina*; *Hygiene Publica*, *Prophylaxia da varicella* (1886); *Hygiene Popular dos Banhos* (1876); *Hygiene dos cemiterios urbanos* (1896). Sua bagagem literaria é maior e consta de varios opuseculos, sendo alguns delles primorosas traducções dos classicos latinos: *O Visconde de Araxá* (notas biographicas—1882); *Virgilianas* (1884), *Quatro poematos de Longfellow* (1882); *Novas Virgilianas* (1888), *Estados da Lingua Portugueza* (1890) e *Flores Exoticas* (1890), livro posthumo de versos, que ainda maior brilho acrescenta às laureas, que em vida já obtivera o illustre parnasiano. Journalista amestrado, no *Vassourense*—semanario por elle fundado, em 1881; musicista habilissimo, latinista invencivel, clinico estudioso, poeta e critico, esse mestiço rivalisou em talento com Tobias Barreto, Dr. Caetano Lopes de Moura, padre José Mauricio, André Rebouças e outros brasileiros eminentes, de cor parda, como elle. Morreu pobre, tendo sido sempre um bom e um abnegado, despido de ambições e vaidades.

Dr. Joaquim Vieira de Andrade.—Medico pela Faculdade do Rio de Janeiro, este benemerito serrano, ligado pelo sangue aos Ottoni, era o prototypo da caridade na nobre sciencia, em que foi profissional tão eminente quanto respeitado. Fundador da Santa Casa do Serro, deputado provincial, varias vezes, e geral, pelo antigo 18.º districto, na legislatura de 1881-84, sempre eleito pelo partido liberal, Vieira de Andrade foi um lucido espirito, digno de outro fim, que não o triste acabamento mental, em que se finou! Morreu louco, depois de atrozes 7 annos de perda da razão, no Hospicio de Alienados da cidade de S. João d'El-Rey, em 25 de Fevereiro de 1897. A elle se refere o illustrado escriptor, filho de Minas, Dr. Affonso Celso—que foi seu collega na Camara Geral—nos *Oito Annos de Parlamento*, pags. 182 a 184, nos seguintes termos: «Joaquim Vieira de Andrade, igualmente do interior de Minas e medico de primeira ordem, caracterisava-se pelo excessivo escrupulo no desempenho das suas obrigações—verdadeira monomania do dever. Exaggeradamente religioso, caritativo e casto, incapaz de um juizo temerario e de uma proposição menos segura, gastava o subsidio

em esmolas, ou o remetia à Mãe, reservando para si apenas a quantia indispensável à alimentação, vestuário e transporte.

Nunca faltou a uma sessão. Sentava-se na bancada estritamente à hora regimental e só se levantava, findos os trabalhos. Nem para attender a quem o procurava ou para satisfazer necessidades physicas, arredava pé do seu lugar, o que lhe prejudicava a saúde. Estudava todos os projectos, ouvia todos os discursos, votando somente depois de acurado exame de consciencia. Confessava-se de semana em semana e assistia à missa quotidianamente.

Cifrava-se seu divertimento unico em ir de quando em quando ao theatro lyrico. Conhecedor profundo de musica, seguia na partitura a opera cantada, indignando-se si supprimiam ou modificavam algum trecho.

Dava consultas clinicas a dezenas de collegas, antes de principiar a sessão, sempre prompto a prestar serviços desde que não preterisse assim a fiel execução do que lhe competia. Typo de austeridade, virtuosissimo, para elle a deputação importava em arduo sacrificio. Morreu doído.*

Em todo o norte de Minas, ainda hoje se lamenta, com lacrimosas saudades, a morte do dr. Andrade, verdadeiro e abnegado apostolo de Hypocrates, protector desvelado dos pequenos e desamparados da sorte.

Dr. Joaquim Felício dos Santos. — Este notavel juriconsulto, irmão de Dom João Antonio dos Santos, 1.º bispo de Diamantina, (*) e autor dos *Apontamentos para o Código Civil Brasileiro* (1881), primoroso chronista da era colonial mineira (*Memorias do Districto Diamantino*, 1864), prosador e romancista notavel (*Historia do Brasil no anno de 2000, Acayaca...*) nasceu na cidade do Serro, que o teve como um de seus mais gloriosos filhos. Falleceu a 21 de Outubro de 1895, com 71 annos de idade, na fabrica do Biribiry, (burgo industrial fundado pela familia Felício dos Santos) a 2 leguas da cidade de Diamantina (districto de S. João da Chapada), pelas 10 horas da manhã, sendo o seu passamento lamentado como uma perda nacional. J. Felício estudou os preparatorios, antes de ir para S. Paulo, no Collegio de Congonhas do Campo. Eleito senador federal por Minas, Joaquim Felício desde 1891 tinha assento no mais alto corpo legislativo da Republica, por en-

(*) Tambem fallecido aos 17 de maio de 1905, na sede da sua diocese (Diamantina), depois de um glorioso episcopado de 40 annos.

Por estar já pagando este folheto, deixamos para uma outra vez a commemoração a que tem direito o grande bispo norte mineiro, nascido no Serro, em 1821, e cuo nome evoca toda uma serie de virtudes, trabalhos e saber.

jos principios elle se batera, a descoberto, no seu jornal semanario, *Jequitinhonha* (1860—68), em Diamantina, onde então advogava, depois de formado (1850) em leis pela Faculdade de S. Paulo.

Advogado e jornalista desde que, formado, se estabelecera em Diamantina, Felício foi, em 1864, eleito deputado geral pelo partido liberal, que então subira ao poder. Na jurisprudencia, J. Felício deixou muitas monographias, pareceres e consultas sobre direito civil, principalmente. O *Projecto do Código Civil*, que elle apresentou ao Governo Imperial, em 1881, e do qual a Comissão dos 21, encarregada de rever o *Projecto Clovis* (1901) tirou valiosos subsidios, como nos confessou o illustre parlamentar, dr. Alfredo Pinto, consta de 5 volumes e representa aturado e laborioso esforço de Felício, que, em solitario picó da serra do alpestre Biribiry, no chamado *ninho da aguia*, em estreita guarida, ia escrever seus trabalhos juridicos, longe do bulicio dos homens, ouvindo, já amortecidos, o estridor das machinas das fabricas do Biribiry e o escachoar das aguas do rio, que corre, enchacoeirado, ao sopé da serra. Penna primorosa e erudita, na sua bagagem litteraria encontramos os seguintes romances: *Os Invisíveis*, *Fragments de um manuscrito*, *Braz*, *O Capitão Mendonça* (Scenas da vida de um garimpeiro) e o já citado livro *Acayaca*—estudo romantico-historico dos homens e costumes do Tejuco, nos primeiros e ricos tempos coloniaes. No genero propriamente da chronica, e da historia de Minas, J. Felício escreveu as *Memorias do Districto Diamantino*, a que já me referi, e reputado o melhor trabalho dentre os congeneres, pelo sr. dr. Sylvio Romero, um competente na critica litteraria, entre nós. Publicou mais a *Historia do anno de 2000*, trabalho critico-humoristico e historico sobre o Brasil e em que o seu estylo imaginoso e ironico aponta durissimas verdades sobre o antigo regimen e costumes politicos do nosso paiz. No mesmo estylo mordaz e leve, deixou a satyra *O Inferno* e a comedia *O Intendente de Diamantes*, sendo verdadeira pena que estejam ainda ineditas muitas destas obras de Joaquim Felício, sem duvida uma das maiores e mais geniaes cabeças, dentre as pleiades de varões insignes que Minas tem dado à Patria Brasileira. Modesto em extremo, de pouco convívio com os homens, apostolo intransigente da idéa democratica, Joaquim Felício viveu quasi que sempre entre os carinhos da familia illustre, que deixou, e as suas estantes de sabio no agreste e pittoresco recanto industrial do Biribiry. É talvez o filho mais illustre da velha cidade do Serro, pela omnimoda manifestação de seu espirito culto e erudito.

Theophilo Benedicto Ottoni — Era serrano, sobrinho de José Eloy Ottoni, e filho legitimo de Jorge Benedicto Ottoni e dona Rosalia Benedicta Ottoni, tendo nascido em Villa do Principe, a 27 de novembro de 1807.

Em 1826, foi se matricular na Academia de Marinha do Rio de Janeiro, e de lá saiu com o posto de guarda-marinha, em 1828, tendo obtido sempre as melhores notas no curso e causado admiração aos mestres pelo seu talento em mathematicas.

O chefe de esquadra José de Souza Corrêa, seu mestre, delle dizia: «Estudantes, como este, honram os professores e a propria Academia».

Regressando ao Serro em fins de 1829, ali se entregou ao jornalismo politico, como partidario do liberalismo radical, fundando a celebre *Sentinelha do Serro* (1830), cuja linguagem exaltada deu origem a disturbios no Serro, em 6 de abril de 1831 — echos longinquos das *garrafadas de março*, no Rio de Janeiro.

Bem creança ainda, aos 15 annos, já Theophilo Ottoni compunha, na terra natal, poesias patrioticas, que bem revelavam o pendor de seu genio e a sua vocação politica.

Do Rio já collaborava em jornaes politicos do tempo, a *Astrêa* (de S. João d'El-Rey), e o *Echo do Serro* (do Tejuco); e na antiga Corte militou no Club secreto dos *Amigos Unidos*, francamente revolucionario.

Foi deputado provincial de 35 a 37, na 1.ª legislatura da Assembléa Provincial Mineira, na 2.ª de 1838-39 e na 4.ª legislatura de 1842-43; ao lado de Bernardo de Vasconcellos, na 1.ª Assembléa Provincial Mineira, Theophilo ajudou enormemente a se organizarem os multiplos serviços da Provincia, no ponto de vista administrativo. Liberal-democrata, todos os movimentos politicos do fim da Regencia ao 2.º reinado o vêm á sua frente. Na Camara Geral foi liberal-democrata, em opposição ao seu velho companheiro de luctas, Bernardo de Vasconcellos, que se tornara chefe do novo partido conservador.

Deputado geral em 1833, figura activa na rebelião mineira, de 1842, preso politico, depois amnistiado, após a derrota dos rebeldes liberaes, em Santa Luzia do Rio das Velhas; reeleito deputado geral nas legislaturas de 1845 e 1848, e só escolhido senador do Imperio dez annos depois (1861) — foi esse tempo longo de ostracismo politico que Theophilo aproveitou para se dedicar aos labores commerciaes no Rio.

Minas já o havia incluído desde 1850, em uma lista triplice do senador, e em mais duas outras listas, em 1850 e 61, dando-lhe sempre o 1.º lugar; em 1862, o longinquo Matto Grosso deu-lhe igual honra. Genio activo e comprehendedor, sacrificando fortuna e commodidades, na mallograda empreza da colonisação do valle do *Mucury*, na zona onde fundou a Philadelphia Mineira (hoje a importante e opulenta cidade de Theophilo Ottoni); tal foi Theophilo Benedicto Ottoni, figura de parlamentar eminente, auctor da celebre *Circular á Provincia de Minas* (1864), cidadão de convicções democraticas inabalaveis e

digno de se imitar pelo patriotismo, de que sempre deu provas na sua longa vida publica de 42 annos de insano luctar.

Falleceu no Rio de Janeiro, victimado por antiga molestia de coração, a 17 de outubro de 1869, tendo deixado a seus patricios o exemplo de um bravo e intransigente defensor dos principios da Liberdade e da Democracia.

Na sua admiravel biographia, escripta por seu irmão, tambem já fallecido, senador Christiano Ottoni, vê-se quão dolorosa foi para a alma mineira e para o paiz inteiro a morte de Theophilo Ottoni, o patriarcha da Democracia no Brasil, no seculo XIX. Eram demonstrações de saudade pelo querido morto, vindas do seio do parlamento, das assembléas e camaras das provincias, de gremios e sociedades politicas, do jornalismo, das academias, do clero, das classes commerciaes, do povo, em summa. O enterro de Theophilo Ottoni teve a apparencia de um funeral romano: milhares de cidadãos levaram seu corpo ao jazigo final, prestando assim derradeira homenagem ao fogoso tribuno democrata, o «Graccho de 2.º reinado» como o chamou o saudoso historiador dr. Joaquim Manoel de Macedo, no seu *Anuario Biographico*.

Doutor Justino Ferreira Carneiro.— Era filho da cidade do Serro este velho servidor do Estado, fallecido em 15 de agosto de 1896, na Capital Federal, onde residia desde 1894, anno em que terminou sua vida publica, em Minas. Eleito pelo partido liberal, foi deputado provincial no biennio de 1878-79 e deputado geral, por Minas, no Imperio; esteve como Presidente das Provincias da Parahyba do Norte (posse de 2 de outubro de 1880) e do Pará (posse de 25 de agosto de 1882); e foi tambem Secretario de Finanças, em Minas, na presidencia do Conselheiro Affonso Penna (7 de setembro de 1892 a 94). Era formado em direito pela Faculdade de S. Paulo e morreu com perto de 69 annos de idade. No Imperio, foi tambem advogado por muitos annos na cidade de Juiz de Fora, onde exerceu os cargos de Delegado de Policia e de Juiz Municipal do termo de Parahybuna; e, vigente a Republica, foi director da Fazenda e Finanças, em Ouro Preto, desde 1891, até ser nomeado para o cargo de Secretario de Finanças do presidente Affonso Penna. Era um cidadão illustrado e probo, tendo deixado boa memoria de seu nome e serviços ao paiz.

João Nepomuceno Kubitschek.— Nasceu no Serro este distincto poeta, da geração de João Julio, Aureliano Lessa, Antonio Augusto de Queiroga e outros poetas mineiros, dos quaes foi companheiro de estudos em S. Paulo, em cuja Faculdade Juridica não chegou a se formar, por não haver concluído os preparatorios. Kubitschek falleceu em Bello Horizonte, em Junho de 1899, como Director da Imprensa Official e redactor do orgão diario do Governo, o *Me-*

nas Geraes, tendo sido antes Inspector Geral de Instrução Pública, em Ouro Preto, no tempo da província; depois eleito, a 25 de Janeiro de 1891, Senador estadual para a Constituinte Mineira, sob a República; reeleito Senador em 15 de Novembro de 1894 para a legislatura de 1895 a 1902 do Senado e Vice-Presidente do Estado de Minas, no quadriennio de 1894 a 98. Foi advogado em Diamantina, onde quasi sempre residiu, influente membro do antigo partido liberal, lente de inglez do antigo Externato e de pedagogia da Escola Normal dessa cidade; fazendeiro no districto do S. João Evangelista (município do Paganha), advogado na cidade de Caeté, havendo residido nessas duas ultimas localidades, durante algum tempo. Casou-se duas vezes e era homem de natural retrahido, typo gordo e louro de allusão, sobrio de palavras, embora fosse um bom e inspirado poeta (autor do poemeto *Hermengarda*), traquejado no conhecimento da litteratura classica e uma autoridade em assumptos de instrução publica. Deixou muita cousa inedita sobre poesia, pedagogia e historia.

Kubitscheck foi muito calumniado por causa do poemeto *Hermengarda*, tirado do conhecido e bello romance, *Eurico*, o *Presbytero* de Alexandre Herkulano; accusaram-no, aereamente, de plagia-dor, quando ha o testemunho inasuspeito de dois de seus companheiros de casa, em S. Paulo, o Dr. Francisco Corrêa Rabello, o Dr. *Píchico*, já morto, e o sr. desembargador Theophilo Pereira da Silva, actual Juiz da Relação de Minas, que sempre affirmaram ser de Kubitscheck aquelle bello trabalho poetico, escripto sob as vistas delles, na *republica* em que moravam.

Doutor Antonio Augusto de Queiroga. — Nasceu no velho arraial de S. Gonçalo, município do Serro, em 1811, e era mais moço que seu irmão o desembargador João Salomé de Queiroga. Falleceu, em 1855, como Juiz de Direito, na cidade de Conceição do Serro, tendo antes residido em Diamantina, onde advogava, sendo poeta e orador distincto: era bacharel em direito pela Faculdade de S. Paulo, onde se formou em 1834. De biographia ainda obscura, por falta de dados completos, o nome de Antonio Augusto só nos chega como orador forense de muito recurso e como poeta inspirado por um estro nativista, de cor accentuadamente local, cuja melhor producção é a *Lyra ao Sabid*, no conceito do sr. dr. Sylvio Romero.

Em S. Paulo, foi Antonio Augusto fundador da *Sociedade Photomatica*, de cuja revista foi elle um dos redactores, em 1834. Muitas poesias de Antonio Augusto figuram no *Parnaso Brasileiro*, do conselheiro J. M. Pereira da Silva, e no *Florilegio da poesia brasileira do sabio Francisco Adolpho de Varnhagen* (Visconde de Porto Seguro). O verso popular e sertanejo, a rima facil e delicada fizeram de Antonio Augusto um lyrista apreciavel, conforme observa o illustre critico sergipano, já citado.

Do Dr. Antonio Augusto de Queiroga fallou com phrases carinhosas um illustre moço mineiro, residente em S. Paulo, o Dr. Manoel Viotti, no vol. IV da *Rev. Arch. Publico Mineiro*, (anno de 1899), pags. 931 a 943, nos *Fragments biographicos dos poetas mineiros na Faculdade de S. Paulo*.

Diz o Dr. M. Viotti que Antonio Augusto, nascido «na cidade tradicional do Serro, berço fecundo de tantos filhos que, nas sciencias, nas letras e nas artes, têm honrado o Estado natal — passou como um meteoro pela Via-Lactea da existencia, durando apenas um instante»: «jorrando, porém, no céu azul da historia mineira um rastro luminoso», como só o fazem os astros de primeira grandeza. Do velho archivo da Academia de Direito de S. Paulo, o Dr. Viotti conseguiu arrancar do ingrato olvido em que estavam, algumas rarissimas e pouco conhecidas producções de Antonio Augusto, taes como uma versalhada comica, sob o titulo *A vida do estudante*, (1833), muito jocosa e bem rimada, com alliteração constante no quarto verso de cada estrophe; uma *Ode* (maio de 1833), em que o poeta leva sua Musa, horrorizada, a contemplar o supplicio de um condemnado á forca, gritando em versos implacaveis contra a atrocissima pena de morte; e um *Elogio Dramatico*, escripto pelo poeta em Setembro de 1833, e que foi representado, no festivo dia 7, anniversario da Independencia e do Imperio, no *Theatro Academico* de S. Paulo, entrando quatro personagens symbolicas — o *Genio da Metropole*, a *Liberdade*, o *Brasil* e o *Genio da America*. Esta ultima producção, no julgamento do Dr. M. Viotti — que é tambem poeta — faz honra ao Dr. Antonio A. de Queiroga: «é moldada em versos brancos, sem contudo, perder o rhythmo sonoro da musica dos versos, no que está a maior difficuldade e o maior elogio» do poeta, que galhardamente se sahio, versando num metro calido ha muito em desuso.

Doutor Eloy Benedicto Ottoni. — Nasceu no Serro, em 1822, e era o irmão mais moço de Theophilo e Christiano Ottoni. Formado em medicina em 1848, pela Faculdade do Rio de Janeiro, viajou a Europa, frequentando a clinica dos grandes mestres, nos hospitaes de Paris, Londres e Vienna; e, de volta ao Brasil, escreveu bastante sobre sciencias medicas e litteratura (1857 a 1884), tendo fallecido, na Capital Federal a 9 de janeiro de 1905, já octagenario.

Sobre o Dr. Eloy Benedicto Ottoni, que, erradamente, nós e outros autores suppunhamos fallecido ha annos, eis o que disse o *Minas Geraes*, em um de seus n.º de janeiro de 1905, noticiando o seu recente fallecimento:

«Deu-se no dia 9, na Capital Federal, o passamento do dr. Eloy Benedicto Ottoni, com a idade de 80 annos, natural da cidade do Serro, neste Estado.

Formado em medicina em 1848, manifestou-se desde logo um li-

beral adeantado e dentro em breve um republicano, crença que manteve firme em toda a sua longa e laboriosa vida. Era um caracter muito sisudo e possuía solida illustração.

Publicou artigos de propaganda em muitos jornaes de Minas, Rio e S. Paulo de 1860 a 1889, reduzindo-os a volume, sob o titulo — *Crenças politicas*.

Abolicionista intransigente, collaborou activamente em sua propaganda até á victoria de 13 de maio.

A proclamação da Republica encontrou-o já alquebrado pela enfermidade.

Dedicou-se ao estudo de molestias nervosas, estudando-as em Paris, com o professor Magnau.

Foi medico do Corpo Policial do Estado do Rio de Janeiro e do Asylo de observação de alienados, annexo ao hospital de S. João Baptista em Nitheroy.

Durante a revolta esteve sempre naquella cidade, prestando serviço nos hospitaes de sangue, pelo que teve as honras de major do exercito.

O finado era irmão do conselheiro Christiano Ottoni e Theophilo Ottoni, e sogro do sr. dr. Mauricio de Abreu, deputado federal.»

Já, anteriormente, o Dr. Eloy Ottoni, então veraneando em Minas (districto de Thebas, municipio de Leopoldina, na zona da Matta), tinha pelas columnas do *Commercio de Minas* (diario da capital mineira) reclamado contra as *erradas* noticias a seu respeito, como se vê das cartas, que aqui transcrevemos, uma de novembro, outra de dezembro de 1902.

Eil-as:

— 1.ª « Escreve-nos o illustre mineiro dr. Eloy Benedicto Ottoni

« Ha tempos constou-me que um livro *Ephemerides Mineiras* ahí publicado se referira a meu humilde nome de maneira contra a qual não posso deixar de protestar. O auctor das *Ephemerides* diz que *fi: propaganda republicana sem filiar-me a partido algum e que morri não se sabe onde e nem quando*.

Não sei se ainda é vivo o auctor das taes *Ephemerides*, mas como não desejo que na capital da minha querida Minas deixe de apparecer um protesto contra as palavras sublinhadas, offereço-vos minha fé de officio — *Crenças Politicas de Eloy Benedicto Ottoni*, para que possais mostral-a aos que me suppõem já morto e esquecido na valla commum.

Estou no ultimo quartel da vida, (78 annos) affectado de molestia incuravel e quasi paralytico: mas vivo ainda e conservo intactas aquellas crenças politicas intransigentes que nasceram na minha infancia, desenvolveram-se nos outros periodos da vida e hei de levar á fria sepultura « *da paz solenne asylo, asylo austero*. » — Saude e fraternidade ! vosso correlligionario, etc. — Thebas, 20 — 11 — 902. »

— 2.ª « Escreve-nos o sr. dr. Eloy Ottoni:

« Agradecendo a publicação na parte editorial do vosso jornal de um protesto relativo á inexactidão de uma *Ephemeride* referente a minha humilde individualidade, eu não disse que ignorava a existencia e morte de seu illustrado auctor, o sr. José Pedro Xavier da Veiga.

Nunca li as « *Ephemerides* » e nem sabia quem era seu auctor. Um amigo, de passagem, leu esse livro no Rio e mandou-me copia da parte a mim relativa, sem declarar o nome do auctor, que bem podia publical-a, por informação de outros, como de certo aconteceu.

Quando eu mesmo conhecesse o auctor, não podia deixar de reclamar, lamentando que fosse esse cavalheiro illudido por falsas informações.

Accoite o illustre sr. dr. Augusto de Lima, cujas phrases attenciosas muito me penhoram, esta leal explicação.—Thebas, em 11—12 — 902. »

Josephino Pires.—Nasceu no Serro, em 12 de setembro de 1863, e falleceu na Capital de S. Paulo, na madrugada do dia 19 de fevereiro de 1890, depois de dolorosa e rapida agonia, victimado por uma grave hepatite. Filho legitimo do desembargador Aurelio A. Pires de Figueiredo Camargo, antigo magistrado mineiro, e de sua mulher D. Maria Josephina dos Santos Pires, já fallecidos, Josephino Pires bem cedo se revelou o grande e invejavel talento, que havia de ser. Ainda criança, foi estudar preparatorios, em Diamantina, onde cursou as aulas do Seminario Episcopal, e depois as do Externato de linguas e sciencias, que a provincia alli mantinha. Fez desde logo grandes progressos nos estudos de humanidades, mostrando o pendor poetico de seu espirito culto, e fundou com outros companheiros de curso o periodico *Ideia Nova*, de accentuada feição democratica. Vindo para Ouro Preto, ahí completou os preparatorios e exerceu o cargo de 3.º official, na extincta Directoria de Fazenda da antiga provincia. Seguiu em 1885 para S. Paulo, levando feito de Minas «um curso brilhante de preparatorios, em que se contavam os exames pelas distincções merecidas, verdadeiramente conquistadas», na phrase de um seu biographo. Matriculando-se na Faculdade Juridica paulista, em Março de 1886, não chegou a finalizar o seu curso, já porque o colheu a morte a mais de meio caminho das laureas academicas, quando ia cursar o 4.º anno de direito, já porque a lucta pela vida, pobre que elle era, lhe entibiara as forças, deixando-o desilludido e atormentado por duro pessimismo. Foi tambem professor de historia e philosophia e de linguas em São Paulo, Ouro Preto e Grão-Mogol, tendo nesta ultima cidade mineira residido por mais de anno. Poeta vibrante, correcto e inspirado, foi Josephino Pires um «talento de primeira grandeza, realçado por erudição pouco vulgar» e «uma das intelligencias mais lucidas, um dos caracteres mais puros, um dos corações mais bondosos, que tem

produzido o norte de Minas», segundo o conceito do dr. Ed. Lins, no artigo d'*O Morimento*, de Ouro Preto, n. 135, de 19 de fevereiro de 1891. Pena é que não se tenham publicado até hoje as magnificas produções do moço-poeta, muitas das quaes se acham em poder de seus irmãos, dr. Antonio Olyntho dos Santos Pires (lente da Escola de Minas) e professor Aurelio Pires (do Gymnasio Mineiro), que as guardam, carinhosamente.

Dr. Pedro Fernandes.—«Não tentamos fazer aqui uma completa biographia litteraria do dr. Pedro Fernandes Pereira Corrêa, um dos maiores talentos do norte de Minas Geraes, poeta imaginoso e admirado no seu tempo, tribuno fogoso e applaudido, como *primus inter pares*, na arte da eloquencia. Tão illustre e mallogrado poeta mineiro jaz hoje na valla de um ingrato olvido de nossa geração. Queremos ter a honra, cumprindo tambem um dever de piedosa homenagem, de trazer a quem leia estas linhas uma noticia de quem foi e o que fez Pedro Fernandes. (*) Elle é quasi um Serrano, pois, ali viveu os melhores annos de sua vida, ali viu crescer sua familia, ali teve o seu tumulo.

Nasceu o poeta na bella cidade sertaneja de Montes Claros, em 29 de junho de 1827 sendo filho legitimo do Alferes José Fernandes Pereira Corrêa e de d. Eduarda Maria de Jesus. Na cidade natal estudou primeiras lettras e depois cursou a aula de latim e francez do professor Antonio da Fonseca Ferreira Campanha: e mais tarde frequentou o Seminario Episcopal de Marianna, ali concluindo o estudo de preparatorios de linguas e sciencias, que já cursára no (**) *Athenéo de S. Vicente de Paula*, de Diamantina. Para esta cidade (a Capital intellectual do norte mineiro, por isso chamada *Athenas do Norte de Minas*) veiu Pedro Fernandes bem jovem ainda encetar seus estudos secundarios no *Athenéo*, sabiamente dirigido pelo então conego dr. João Antonio dos Santos, o preclaro bispo da diocese de Dia-

(*) Antes de nós já se occuparam de Pedro Fernandes, embora com pequeno desenvolvimento, o illustrado sr. Xavier da Veiga no 4.º volume das *Ephemerides Mineiras* (da 9 de novembro de 1879) e o distincto dr. F. Badaro, no *Parnaso Mineiro*, pags. 89 a 92, este em bellas palavras de saudosa recordação ao nome injustamente esquecido do poeta. Os dados com que temos elaborado este e outros traços anteriores sobre Pedro Fernandes (vide *Diário de Minas*, *Almanack Popular* de Pelotas, *O Olheirasso* e *Archievo Illustrado*, de S. Paulo), devemos-os em grande parte ao delicado amigo sr. João Felício dos Santos Filho, digno moço diamantinense, por cujo intermedio nos vieram parar ás mãos preciosos autographos do poeta.

(**) O *Athenéo de S. Vicente de Paula* não existe mais, em Diamantina: funcionava no grande casarão da *Rua do Contracto*, ao lado do opulento templo do *Carão*, e nelle está hoje o palacio episcopal diamantinense.

mantina, recentemente fallecido. No *Athenéo*, foram collegas do poeta outros illustres nortistas, como Joaquim Felício dos Santos (depois jurisculto notavel, historiador e romancista, que morreu senador federal por Minas, em 1895) e o general Couto de Magalhães, o reputado indianista, autor do *Selvagem*. Indo para a Capital de S. Paulo (1859) cursar a Faculdade de Direito, Pedro Fernandes alli se formou em sciencias juridicas e sociaes, em 29 de novembro de 1864, com a nota de plenamente no acto final do 5.º anno, e tendo tido por condiscipulos, na vida academica da boa *Paulicêa* daquelles tempos, esses talentos que foram Pedro Martins, Theodomiro Alves Pereira, João Carlos de Araujo Moreira, Francisco Corrêa Rabello, João Julio dos Santos, João Nepomuceno Kubitschek, Aureliano José Lessa, Antonio Augusto e João Salomé de Queiroga, constellada pleiade, brilhante patrolha de poetas e oradores, todos filhos do sertão norte-mineiro.

Voltando formado da Academia (*), Pedro Fernandes fez logo a peregrinação costumada do bacharel em direito, no inicio da carreira.

(*) Quando o poeta se graduou em direito, ou se formou em leis, como já dizia o nosso povo, em 1864, era director da Faculdade de São Paulo o Conselheiro Dr. José Maria de Avellar Brotero, e foi presidente do acto de formatura de Pedro Fernandes, o Dr. Joaquim Ignacio Ramalho, depois Barão de Ramalho, o grande praxista brasileiro, que foi director daquella Faculdade ate seu fallecimento, em agosto de 1902, em São Paulo.

Os então rapazes norte-mineiros, que foram condiscipulos ou contemporaneos de Pedro Fernandes, na *Paulicêa*, tomaram depois rumos diversos na politica e delles só sobrevivem entre outros, o Dr. Theodomiro Alves Pereira, o *leão do Norte*, velho advogado em Diamantina, onde era ate ha pouco professor de historia da Escola Normal, o illustrado civilista dr. Antonio Gonçalves Chaves (da Faculdade de Direito de Minas), o venerando desembargador Theophilo Pereira da Silva (da Relação Mineira) e bem poucos mais, de que não nos recordamos neste momento. O Dr. Francisco Corrêa Rabello, filho de Diamantina, morreu em Ouro Preto, deputado federal, em 1892, mezes depois do golpe de estado do Marechal Deodoro, em novembro de 1891: foi um valente republicano propagandista e excellente advogado, além de um optimo caracter.

O Dr. João Carlos de Araujo Moreira, filho de Grão Mogol, morreu Juiz de Direito, na cidade de Ubá, em 1893, e foi deputado provincial e geral por Minas. Com uma de suas filhas casou-se meu cunhado o dr. Lauro Gentil, hoje Juiz Municipal de Ouro Preto.

João Julio dos Santos, o mavioso poeta, teve morte prematura, nem chegou a se formar, foi intimo de Castro Alves e de Kubitschek. Este foi um dos primeiros que a morte colheu na nova capital mineira, onde até junho de 1899 foi redactor e director da Imprensa Official, tendo sido senador estadual e Vice-Presidente do Estado de Minas, poeta illustre e modesto, e não chegou a se bacharelar em S. Paulo... pelo horror que tinha aos exames de mathematicas!

Advogado em Montes Claros, na villa de Guaicuhy (hoje extincta), no Serro e em Diamantina; Juiz Municipal em Minas Novas, S. João Baptista e Serro, Pedro Fernandes, abraçando no final da vida a banca de advogado, nessa profissão permaneceu, na cidade do Serro, até que ahí rendeu sua nobre alma ao Creador, a 9 de novembro de 1879, victima de fataes ferimentos, que recebera de um fidalgo inimigo, ainda vivo, o que nos faz silenciar o seu nome. O poeta se casara em setembro de 1866, em Diamantina, com D. Hermelinda Leopoldina Fernandes, já fallecida, e de cujo consorcio teve duas gentilissimas filhas, ainda vivas, ambas professoras normalistas, as Exmas. Sras. D. Henriqueta, solteira, e D. Eduarda Fernandes Caldeira, esta professora publica na cidade de Grão Mogol e aquella no arraial da Gouvêa (município de Diamantina).

Sobreviveu-lhe tambem por muitos annos um irmão, o professor Sebastião Fernandes Pereira Corrêa, que ha poucos annos falleceu em Diamantina. Eis ahí os traços geraes da vida do poeta; vejamos agora que papel teve elle, na literatura mineira, e estudemos seus habitos, sua índole e o que foi Pedro Fernandes, como mentalidade.

Não deixou publicado um livro, sequer, mas seus discursos, suas poesias, seus artigos de polemica e outros trabalhos andam esparsos em varios periodicos do decennio de 1868 a 1878, editados em Diamantina, nesse tempo, como o *Jequitinhonha*, *Monitor do Norte*, *Voz do Povo*; em jornaes de Ouro Preto e em folhas academicas de São Paulo, de 1859 a 1864. Dariam para um ou mais volumes taes escriptos. (*) Tentaremos ainda reunil-os quasi todos e brindaremos as letras mineiras com o regio presente das produções desse grande talento, tragicamente succumbido. Alto, corpulento, musculoso, de saude rija

O Dr. Aureliano Lessa, outro poeta de lei, morreu magistrado ha bem annos; era filho de Diamantina, ao passo que Kubitschek era do Serro.

O Dr. Antonio Augusto falleceu como Juiz de Direito, em Conceição do Serro, e o Dr. João Salomé de Queiroga acabou desembargador, em Ouro Preto, em 1879, tendo ambos nascido em S. Gonçalo do Serro.

O Dr. Pedro Martins Pereira, de Grão Mogol, jurisconsulto de merito, falleceu em Carangola, ha poucos annos, e foi advogado e orador forense de alto renome na região da *Matta*.

E quantos outros desse tempo, cujos nomes não nos occorreram agora!?

(*) Varias poesias, escriptos e discursos temos do poeta e que iremos dando a lume com mais vagar e paciencia. A *Poesia da casa*, o soneto *Estive ausente*, a modinha *Teuho saudades profundas*, o recitativo, A *contancia*, o *Hymno marmico*, os sonetos satyricos: *Um rigarrio de alibeu*, a *Saudação a Bernardo Guimarães* (poesia); a *Satyra a Quasimodo*, *Do coveiro alleuã*, do *Lysio lido* (poesias satyricas); a *Cruz da Serra* (poesia), *Consolação* (poesia elegiaca), *Os sacrificios do bosque de Karah* (poemeta), são dignos de leitura. Em tempo serão publicados, querendo Deus.

e constituição robusta e forte, legitimo sertanejo pelos modos simples e francos, despido de luxos e ceremonias, modesto no trajar, generoso de coração, desprendido de ambições de dinheiro e renome, porque tinha consciencia do que valia: Pedro Fernandes, para se lhe fazer o perfeito retrato, deveria estar defronte de cada leitor, para a este captivar logo com a sympathia de modos e idéas, que delle se transfundia, logo á primeira vista. Com a sua basta cabelleira negra, em cachos, os grandes olhos vivos e negros, o semblante moreno pallido, leve bigode, barba escassa, apontada em *cavaignac*, sempre usando oculos escuros, aro de ouro: Pedro Fernandes era, não ha duvida, uma dessas figuras que se nos gravam na retina, do modo mais insinuante e vivaz.

Era um *doutor democrata*, no veridico e sincero conceito do povo, que o estimava e admirava.

Eloquente, illustrado, lia e escravia muito: e, nota curiosa, que demonstra sua despreocupação pelo *cil metal*—nos seus livros de Direito se encontraram, após sua morte, muitas cedulas de dinheiro que ia recebendo e com as quaes marcava as paginas do livro, em cuja leitura estava no momento em que qualquer constituinte o procurava para pagar-lhe honorarios!

A fluencia torrencial de sua palavra imaginosa e vernacula a todos encantava; e já em jantares e sarões, pois gostava de festas e de boa mesa, aquecida a idéa pelo fino topazio do legitimo *Oporto*, *Wine*, já em reuniões politicas ou em palestras com amigos, Pedro Fernandes derramava a flux as ricas perolas de seu talento. Inimigos, só politicos os teve, pois, conservador que era, ás vezes se apaixonava, violentamente, com o seu fogoso temperamento indomavel-nas contendas partidarias; e dahi as luctas que sustentou, os odios que acarretou ao seu nome.

Pobre morreu o grande bardo mineiro e ainda quando muito alto poderia talvez subir. Aceitem os manes de Pedro Fernandes estas linhas de homenagem, hoje 63º anniversario do nascimento do poeta. (*)

Conego Marcellino Nunes Ferreira.—«O nome que encima estas linhas, é portador de tudo o que ha de mais sublime e santo em quasi um seculo, pois foi cheio de acendradas virtudes e excitou a gratidão de todos com quantos conviveu.

(*) Escrevemos este artigo da Capital de Minas, em 29 de junho de 1900, para o *Archivo Illustrado* (revista de S. Paulo) e nelle estão compendiados com fidelidade os traços da vida do Dr. Pedro Fernandes, glorioso Serrano adoptivo, cujo nome achamos que seria justo figurar nesta *memoria*.

Basta dizer que foi vigário collado de S. Sebastião dos Correntes 53 annos, morreu com oitenta e dois e jamais constou que suas vestes sacerdotaes fossem polluidas com a transgressão d'uma das virtudes cuja observancia elle jurára.

E' sabido, geralmente, o estado de desordem, atraso e falta de respeito da freguezia para onde fôra nomeado vigário ha 53 annos: elle tudo venceu e educou uma geração a ponto de tornar-se a freguezia verdadeiramente catholica e ordeira. Pae da pobreza, protector das viúvas e dos orphãos, podia ter deixado um peculio ao menos para sustentaculo de sua velhice. Tendo elle exercido seu ministerio por tão longo tempo em uma freguezia outr'ora prospera e rica, e convidado para muitas outras, onde seus trabalhos eram espontanea e generosamente recompensados, entretanto nada deixou, morreu pobre. Sendo por sua benefica influencia o baluarte inexpugnavel da politica em sua freguezia e quiçá em todo o municipio do Serro, contribuiu poderosamente para diversas eleições do actual e do antigo regimen. Entretanto, mesmo como politico, o velho vigário Marcellino não deixou resentimento algum!

Prova-o a pomposa festa celebrada em 1888, data de suas nupcias de ouro com a Igreja de sua Parochia. (**)

O revd. Conego Marcellino, vigário da freguezia de São Sebastião de Correntes (municipio do Serro) desde 1848, é outro Serrano adoptivo. Homem de condição humilde (era de cor preta), nascido em Itabira de Matto Dentro, ordenado presbytero em Marianna pelo santo bispo Dom Viçoso, attingio a culminancia da geral veneração dos habitantes do municipio do Serro e suas redondezas, tão somente pela pratica das mais bellas virtudes: a caridade, a modestia, a justiça, a castidade absoluta. Mais de meio seculo foi Vigário e morreu, em 1901, com perto de 90 annos, quasi, pôde-se dizer, em «cheiro de santidade».

Sua vida honrada e cheia de serviços ao bem publico e a religião, á paz das familias e á causa do progresso local, se escoou toda na comarca Serrana. As palavras, que acima demos, entre aspas,

(**) Ainda mocinho, com doze annos de idade, tomou em 1888, a S. Sebastião, para assistirmos as imponentissimas e inolvidaveis festas do jubileu quarentenario, do Vigário Marcellino, que completava então oito lustros de collação na sua Parochia. Que festas e que recordações ellas nos despertam!

Abalaram povo de meio norte de Minas e deram que falar por muito tempo, na diocese diamantinense.

Antes de morrer, ainda o Padre Marcellino completou o seu *cincoentesimo* *primo* de Parocho (1898).

pertencem a um longo artigo publicado em um periodico de Diamantina, por occasião de sua morte (1901).

Difficilmente, se encontrará um espirito da fibra energica, um caracter limpido, um coração bondoso, como os que exornavam esse modesto e rude Padre, filho do povo, e que morreu chorado pelo seu rebanho, com a mais sincera manifestação de um lucto geral.

Engeitou a mitra de alguns Bispados e sempre recusou cargos politicos e honrarias ecclesiasticas. Tivemos a honra de apontal-o para Bispo, ha annos, num artigo pelo *Minas Geraes*, em 1899.

Era poeta satyrico muito jocoso e homem muito jovial, atravez de seus modos bruscos e do desalinhave (que ficou proverbial) do seu trajaz.

Visconde do Serro-Frio (Antonio Candido da Cruz Machado)

«Falleceu a 12 do corrente, (*) na Capital Federal, o preclaro mineiro filho da cidade do Serro, sr. Antonio Candido da Cruz Machado, visconde do Serro Frio.

Este nosso distincto compatriota é um exemplo vivo do que pôde a força de vontade, alliada ao talento, ao estudo e ás virtudes mores e civicas.

Nascido de paes pobres, sem o preparo intellectual que hoje fornecem as nossas academias, ainda jovem, atirou-se ao estudo e ao trabalho e conseguiu ser um dos homens mais illustrados e preparados para as carreiras que foi galgando e nas quaes sempre se houve com firmeza de caracter e independencia, tornando-se um dos brasileiros mais eminentes.

A vida de Cruz Machado pôde servir de modelo aos que desejarem servir o seu paiz e conquistar louros; por quanto os por elle alcançados são os que a historia registra e que as gerações vindouras proclamam como meritorios na senda do dever e da moral.

Foi promotor publico da comarca do Serro em 1842, professor de latim da mesma cidade, advogado provisionado, e indicado para a direcção da justiça na repressão da revolta liberal, em 1842.

Em virtude dos seus energicos e importantes serviços para abafar a revolução, mereceu ser agraciado com a commenda da Rosa.

Nas luctas politicas empreendidas contra os chefes liberaes da comarca: Queirogas, Queirózes, Barão de Diamantina e outros, aos quaes conseguiu vencer, chegou a ser considerado Chefe do partido conservador norte-mineiro.

(*) 12 de fevereiro de 1905.

Os liberaes em 1860, com adhesão da familia Rabello, uma das mais importantes da Comarca, conseguiram eleger o dr. José J. Ferreira Rabello, depois Barão do Serro, declinando-se então um pouco o seu prestigio.

Exerceu os cargos de deputado provincial, e geral e presidente da provincia do Maranhão.

Durante o periodo da conciliação do marquez de Paraná e nos ministerios Souza Franco e Angelo Ferraz, foi um eminente vulto da Camara dos Deputados do Imperio.

Chellou com outros, tomando para si a parte mais activa, o movimento parlamentar, que derribou o gabinete Zacarias, em 1860.

Era de inexcédível actividade para os trabalhos da advocacia, imprensa e dos comicios electoraes.

Foi presidente da Bahia, onde fez excellentes governo, senador por Minas, conselheiro do Estado, e titulado Visconde do Serro Frio.

Era casado com uma filha do commendador José Ferreira Carneiro, chefe de uma das mais importantes familias do norte de Minas.

Deixa dous filhos, que são dignos continuadores do seu nome: Dr. Ibrahim da Cruz Machado advogado e hoje tabellião no Rio de Janeiro, e Dr. Arthur Cruz Machado, medico residente em Barbacena.

Retirou-se da politica com o advento da Republica.

Falleceu quasi nonagenario e pobre, como sóe acontecer com todos os antigos servidores do Imperio.

Nossos pesames aos seus dignos sobrinhos e nossos particulares amigos, exmo. dr. Edgard Carlos da Cunha Pereira e Senador estadual Simão da Cunha Pereira ».

Esta noticia, com alguns roteques, é trasladada do excellentes periodico diamantinense *O Jequitinhonha*, n.º de 19 ou 20 de fevereiro de 1905.

Vamos ainda completal-a e corrigil-a, em alguns pontos. Em primeiro lugar, o commendador Antonio Candido da Cruz Machado (agraciado com o titulo de Visconde do Serro Frio, em 1888), official da Ordem da Rosa e portador de uma commenda da ordem do Cruzeiro, não nasceu na cidade do Serro, e sim no municipio de Ouro Preto (no arraial de Ouro Branco), como em 8 de novembro de 1825 já nos escrevia de Vassouras o saudoso poeta serrano Dr. Lucindo Filho, corrigindo um engano nosso, no 1.º folheto que publicamos, *Memoria historica e descriptiva da cidade e municipio do Serro*.

O Jequitinhonha omitta o nome da virtuosa esposa do Visconde do Serro Frio, a illustre serrana d. Josephina Ferreira Carneiro Cruz Machado (que nos levou á pia baptismal a 22 de novembro de 1876, na igreja da Purificação, no Serro); entretanto, D. Josephina foi, enquanto viveo, o braço direito, o anjo tutellar da casa do Visconde. As datas da vida politica de Cruz Machado revelam a sua passagem

progressiva pelos altos postos de confiança do partido conservador, em varias provincias do Imperio.

Presidente de Goyaz, em 1854 (posse de 8 de maio), no anno seguinte (10 dez. 1855) já encontramol-o presidindo o Maranhão, e annos depois, em 1873 (posse de 22 out.) a presidencia da Bahia lhe coube, ainda no ministerio Silva Paranhos (Visconde do Rio Branco).

A 9 de maio 74, a escolha do seu nome por D. Pedro II o levou á Camara Alta do Imperio, como senador por sua provincia natal (Minas): e desde 15 de julho desse mesmo anno o vulto venerando de Cruz Machado teve assento no Senado Brasileiro, até baquear o regimen monarchico (novembro de 1889). Ainda ha pouco (maio de 1905), no Senado Federal, monsenhor Alberto Gonçalves relembrou os notaveis serviços de Cruz Machado, a quem o actual Estado do Paraná deveu, em 1853, a sua elevação á provincia do Imperio.

Como complemento a estes apontamentos, transcrevemos aqui uma noticia do organo official deste Estado, o *Minas Geraes* (de feve.º do corrente anno de 1905). Nessa ha dados interessantes sobre a existencia do velho Mineiro, que o Serro com justa razão deve considerar um dos seus mais illustres filhos adoptivos. Tal a razão de incluirmos o seu nome neste trabalho.

Ella: « Falleceu no Rio o venerando mineiro Antonio Candido da Cruz Machado, senador do Imperio e visconde do Serro Frio.

O finado nasceu em Ouro Preto, onde fez os seus estudos.

Era um dos velhos parlamentares da ultima metade do segundo reinado, cuja vida acompanhou não só na Assembléa Geral Legislativa, como em varias presidencias de provincia — Goyaz, Maranhão e Bahia, — a ultima das quaes foi muito agitada.

Filiado ao partido conservador e politico militante na então provincia de Minas Geraes, foi, depois de deputado em varias legislaturas, eleito e escolhido senador pela mesma provincia em 1874.

No Senado conquistou as maiores sympathias dos seus pares, que, depois de o elegerem annos seguidos 1.º secretario, o escolheram por fim seu presidente na vaga do Barão de Cotegipe, durante a sessão de 1888.

Por ter présidido á memoravel sessão de 13 de maio desse anno e em attenção aos seus serviços ao paiz, foi o senador Cruz Machado agraciado com o titulo de Visconde do Serro Frio.

O finado era considerado alta auctoridade em materia de administração publica e escreveu uma memoria relativa ao projecto de uma nova divisão administrativa do Imperio. Por elle foi proposta a creação das provincias do Araguaya e do S. Francisco.

Desde a proclamação da Republica o Visconde do Serro Frio vivia exclusivamente para a familia, sendo que ha alguns annos ninguem o via em publico.

Deixa dous filhos, o dr. Arthur Cruz Machado, medico residente em

Barbacena, e Dr. Ibrahim Machado, tabellião na Capital Federal, e um neto sr. Antonio Feitosa, secretario da legação brasileira na Bolivia.

Muitas obras escreveu elle de interesse nacional, entre as quaes cumpre destacar a mencionada *Memoria* relativa ao projecto de uma nova divisão administrativa do Imperio do Brasil e mais duas sobre a construcção de estradas de ferro e sobre a creação da provincia de S. Francisco.

II

Faltaram-nos dados mais completos e minuciosos sobre a vida dos seguintes dignos e extinctos Serranos:

Dr. Ernesto Benedicto Ottoni. — Este serrano, nascido em 1821, medico pela faculdade do Rio (formou-se em 1841), era irmão de Theophilo, Christiano e Eloy Ottoni. Residiu sempre fóra de Minas, clinicando por muitos annos na antiga provincia de S. Paulo e depois foi medico do hospital de marinha da ex-Côrte, e ali morreu occupando esse logar, em 1881.

Deixou alguns trabalhos: *O clima da provincia de Minas e molestias que mais frequentemente acommettem seus habitantes* (these de formatura), (1841); *O cholera morbus* (memoria escripta em 1868); e um minucioso *Relatorio* (1862) sobre o estado da *Companhia de colonisação do Valle do Mucury*, de que era director seu irmão, o senador Theophilo Ottoni.

Doutor Joaquim Bernardino Pereira de Queiroz. — Medico e poeta, formado pela Faculdade do Rio de Janeiro, deixou publicado um volume de suas poesias.

Nasceu no Serro, nos principios do seculo XIX e ali falleceu, como clinico modesto e dedicado, em 1892.

Padre Alexandre Generoso de Almeida e Silva. — Filho da cidade do Serro, ordenou-se no Seminario Episcopal de Diamantina e foi parochiar a freguezia da então villa do Rio Doce, depois cidade de Suassuahy e hoje do Paganha chamada. Foi eleito deputado á Assembléa Provincial Mineira, pelo partido conservador, no biennio de 1887-1888. Falleceu em dias de agosto de 1901, na sua cidade natal, para onde foi em busca de melhores ares. Victimou-o a tuberculose. Homem lhaço e activissimo, o vigario Alexandre conseguiu muitas amizades e realison alguma fortuna, que deixou em testamento a varios parentes e a muitas instituições e obras pias da sua diocese.

Padre Hermogenes Generoso da Silva. — Sobrinho do precedente, serrano tambem, tomou ordens sacerdotaes no Seminario

de Diamantina, onde foi distincto professor de lingua nacional, até sua morte (1897). Falleceu muito moço ainda, deixando fama de suas virtudes, modestia e operosidade. Estava prestes a se congregar na ordem dos Padres Lazaristas ou da Missão, seus antigos mestres.

José Coelho Tocantins de Gouvêa. — Este illustre serrano, fallecido no correr do anno de 1896, foi um espirito lucido e trabalhador. Muitos moços lhe deveram o preparo das humanidades, com elle aprendendo o latim e o francez, o portuguez e a geographia, nas suas aulas secundarias, mantidas pelo Governo provincial, na cidade do Serro. Foi deputado provincial á Assembléa Mineira, nos biennios de 1870 — 71, 1882 — 83.

Doutor Joaquim de Gororós. — Deste filho do Serro só conseguimos saber que era medico formado pela Faculdade do Rio de Janeiro e clinicava, ultimamente, na cidade de S. Domingos do Prata (Minas), onde falleceu ha poucos annos.

Vigario José Alves de Mesquita. — Filho da cidade do Serro, parochiou por dilatados annos a freguezia de sua terra natal, e ali falleceu, deixando fama de sua modestia e virtudes. Faltaram-nos outros dados a seu respeito, embora os procurassemos, com avidez.

Coronel João Luiz de Almeida e Souza. — Este distincto serrano, graduado pela Escola de Pharmacia de Ouro Preto, na qual completou em 1895 o seu curso de pharmaceutico com o bacharelado em sciencias naturaes, foi tambem chefe politico, militando no partido liberal, durante o Imperio, e sendo eleito deputado estadual á Constituinte Republicana de Minas, em 1891, reeleito, depois, na legislatura de 1893 a 1895, para a Camara Estadual.

Falleceu em dias de fevereiro de 1902, na cidade do Serro, onde era estabelecido com pharmacia.

Nos ultimos tempos de sua vida, levava já o organismo combatido por frequentes accessos nervosos, devidos ao terrivel habito da *morphinomania*.

Gabriel Augusto da Silva. — Filho do Capitão Raymundo Augusto da Silva, era filho da cidade do Serro este esperançoso jovem, que morreu no Rio de Janeiro, em 1893 (Julho) victimado pela febre amarella. Já era academico de medicina e por sua applicação nos estudos secundarios, enquanto cursou o Seminario de Diamantina, já deixava prever que futuro promissor o aguardava, si a morte o não colhesse tão cruel e prematuramente.

Dr. Simão da Cunha Pereira. — Este illustre serrano foi um politico de influencia no antigo partido conservador do norte da provincia, cuja melhor circumscripção eleitoral representou na As-

sembléa Provincial, nas legislaturas de 1858-59, 1860-61. Neste ultimo biennio, acabava de presidir a Assembléa Legislativa Mineira, quando de regresso ao Serro, ahi falleceu, com 46 annos de idade, no dia 13 de outubro de 1862. Ligado por casamento á illustre familia Carneiro, o dr. Simão deixou dignos descendentes do seu nome, na magistratura e na politica de Minas. Foi um cidadão dedicado á causa publica e um nobre espirito. Pedimos a dous de seus filhos, informações e dados biographicos, que até agora não nos chegaram (set. 902).

Pedro Maria da Silva Brandão. — Illustre serrano, chefe do partido conservador na sua cidade natal, tendo sido eleito repetidas vezes deputado provincial em varias legislaturas (1872-73, 1874-75, 1876-77, 1878-79, 1884-85); e deputado geral pelo 18.º districto de Minas, na legislatura de 1886-89. Advogado provisionado, e homem de excellente character e regular cultura de espirito, Pedro Maria era uma legitima influencia politica na zona norte-mineira. Celibatario, muito methodico em seus habitos, falleceu relativamente moço, 1889, exercendo a esse tempo a advocacia, em sua cidade natal.

Francisco de Salles Queiroga. — Era irmão dos dres. João Salomé e Antonio Augusto de Queiroga, mas não chegou a se formar em engenharia, como fôra seu intento, logo que concluiu, e de modo brilhante, os seus estudos de humanidades, no Seminario Diamantinense, e depois perante o Lyceu Mineiro, em Ouro Preto. Voltando á terra natal, Salles Queiroga se tornou professor emerito de mathematicas na Diamantina e no Serro, vindo a fallecer nesta ultima cidade, annos depois. Faltam-nos outros dados a seu respeito.

Samuel Brandão. — Este filho do Serro veio ainda bem moço para Ouro Preto, onde, concluidos os preparatorios, se tornou afamado professor de mathematicas elementares, sendo mais tarde nomeado, por concurso, lente dessa materia, no antigo Lyceu Provincial e na Escola Normal. Homem rigoroso no cumprimento de seu dever, honrou o magisterio secundario, até sua morte, pela seriedade de seus julgamentos, como examinador temido e geralmente respeitado por collegas e discipulos.

Padre José Pinheiro da Silva. — Nascido no Serro, em 22 de Outubro de 1856, sendo seus paes José Pinheiro da Silva e D. Carolina Augusta de Moraes, esse illustre sacerdote norte-mineiro veio a fallecer, aos 33 annos incompletos, no arraial do Jequiry (municipio de Ponte Nova), onde era Vigario, em 22 de fevereiro de 1889. Victimado ainda bem moço, colhido por morte repentina e ines-

perada, o Padre José Pinheiro deixou fama de clérigo virtuoso e digno e traços inapagaveis de um brilhante talento, desde os bancos do Seminario de Marianna, onde se ordenara, em 1879. Nas linguas portugueza e latina foi doutissimo mestre, tendo da primeira deixado inédita uma *Grammatica*, e da segunda publicado a *Grammatica e Syntaxe*, obra não inferior á do reputado Padre Dantas, outro illustre sacerdote mineiro. Salientou-se bastante o Padre Pinheiro na tribuna sagrada e de seu preparado e culto espirito ficaram provas, em artigos esparsos em alguns periodicos provincianos. De seu irmão, o senador federal dr. João Pinheiro da Silva, aguardavamos outros dados sobre o Padre José Pinheiro, os quaes até agora não nos vieram ás mãos.

Doutor Bernardino José de Queiroga. — Este illustre serrano era formado em direito e abraçou a politica, tendo sido deputado provincial na 2.ª legislatura da Assembléa Mineira (1838-39) e mais tarde deputado geral. Foi nomeado presidente da provincia de Minas Geraes, em 1848, tomando posse em 22 de Junho e continuando sua administração até 4 de Novembro de 1848. Já occupara a vice-presidencia desde 11 de Maio desse anno, na vaga do Conselheiro José Pedro Dias de Carvalho. Sobre este filho do Serro nos faltam outros dados biographicos.

José Paulo Dias Jorge. — Apreciado poeta, nasceu no Serro, e, em 1825, era professor de latinidade, no arraial do Rio Preto, hoje municipio e comarca de Diamantina.

De José Paulo, nada mais podemos saber. Delle ficou uma *Descrição das Festas no Tejuco, por occasião da aclamação de D. Pedro I.*, em 1822, publicada no tomo 4.º da *Rev. do Arch. Publ. Mineiro*.

Dr. Bernardino do Nascimento Moura. — Medico pela Faculdade de Medicina da Bahia, pharmaceutico e Bacharel em sciencias naturaes pela Escola de Pharmacia de Ouro Preto, nasceu no Serro em 1876, era filho do Commendador Bernardino do Nascimento Moura, tendo fallecido muito moço, na cidade de Mogy das Cruzes (Est. de São Paulo), onde se casara. Pouco antes de morrer (fins de 1904), visitara sua familia em Conceição do Serro (Norte de Minas). Era um jovem e talentoso clinico. Victimou-o a tuberculose pulmonar.

III

E como estes ainda os seguintes, todos fallecidos, e dos quaes, si alguns não eram natos, foram todavia Serranos adoptivos, tantos e taes foram os serviços prestados e os laços de familia, as multiplas relações, que os ligaram á velha cidade.

Coronel Francisco Roberto Sanchez Brandão — Abastado commerciante. Deixou grande descendencia.

Padre João Clarimundo de Souza. — Ordenado no Seminario de Diamantina, nascido no arraial do Milho Verde e fallecido como Vigario da freguezia de São José dos Paulistas (município do Serro).

Padre Dr. Honorio Benedicto Ottoni. — Sacerdote catholico a principio, capellão do exercito, emerito pregador, deputado provincial mineiro, morreu ha pouco tempo, professo na religião evangelica.

Commendador Thomaz Antonio Teixeira de Gouveia. — Advogado e politico de prestigio, varias vezes deputado provincial.

Coronel Sebastião Ferreira Rabello. — Capitalista e agricultor, homem de espirito adeantado e que deixou grandes haveres.

Dr. Joaquim Ferreira Carneiro. — Formado em Direito, na Faculdade de S. Paulo, e deputado provincial de 1844-45, bem como seus parentes José Ferreira Carneiro e Joaquim Bento Ferreira Carneiro, tambem deputados á Assembléa Mineira.

Padre José Jacintho Nunes. — Benemerito e virtuoso sacerdote serrano, ha annos fallecido: foi um dos fundadores da Santa Casa da Caridade com o illustre medico Doutor Vieira de Andrade.

Tenente-coronel Duarte Henrique da Fonseca. — Politico local influente, foi homem abastado, formou filhos e deixou descendencia.

Coronel Aureliano Eduardo de Campos. — Advogado, homem intelligente e exerceo varios cargos publicos.

Bento Ferreira Carneiro. — Cidadão prestimoso e membro da importante familia Carneiro.

Vicente José de Figueiredo. — Foi deputado provincial e geral, advogado provisionado, politico de grande prestigio.

Pedro de Alcantara Machado. — Advogado e politico de valor, chefe de uma prole distinctissima e dentre cujos filhos se salientou bastante o conselheiro Dr. João da Matta Machado (fallecido em Bello Horizonte, ha poucos annos).

Dr. Joaquim Ferreira Rabello. — Tambem advogado e membro da influente e grande familia Rabello, muito espalhada nos 2 municipios confinantes do Serro e Diamantina.

Dr. Luiz Gomes Ribeiro. — Formado em Direito, antigo Magistrado e que falleceu em Bello Horizonte, ha poucos annos, como Juiz de Direito aposentado. Foi advogado, deputado provincial, Juiz de Orphãos, teve fortuna e morreo pauperrimo.

Joaquim Ferreira de Araujo. — Foi Juiz Commissario de medição de terras e exerceo outros cargos publicos.

Bento José de Sousa Passos. — Advogado de merecimento e cidadão de prestigio, no seu tempo.

Dr. Bernardino José Pereira de Queiroz. — Engenheiro civil pela antiga Escola Central do Rio, deputado, e membro da importante familia Queiroz.

Jose Egydio de Moura. — Antigo professor da cadeira de latim e francez, mantida no Serro pelos cofres da provincia.

Dr. Francisco de Assis Pinto de Figueiredo Neves. — Medico muito conceituado. Ignoramos si nasceu no Serro.

Dr. Miguel Augusto do Nascimento Feltosa. — Tambem medico e que no Serro se casou na familia Carneiro, exerceo varios cargos publicos. Eguamente, ignoramos si era Serrano.

Innocencio Augusto de Campos. — Antigo professor e tambem deputado provincial mineiro de 1876 a 77.

Jorge Pedro de Araujo. — Tronco de uma distincta familia. Deixou varios filhos formados em Direito e medicina.

Padre Candido Augusto de Mello. — Foi vigario da cidade. Julgamos que era natural da cidade de Entre Rios.

Dr. Antonio Carlos Monteiro de Moura. — Foi Juiz de Direito do Serro e alli deixou muitos descendentes. Era de um dos Estados do norte do Brasil.

Padre Jose Augusto Neves. — Parochiou a Matriz do Serro.

Padre Antonio Alves dos Reis. — Foi vigario da parochia do Rio Vermelho (no município do Serro).

Padre Francisco Alves Ferreira. — Foi vigario de São Gonçalo do Serro.

Dr. João Evangelista de Faria Lobato. — Foi Ouvidor da então comarca de Villa do Principe, constituiu familia no Serro. Era de Paracatu.

Major Francisco de Avila e Silva.

Tenente-coronel João Ferreira de Salles.

Simeão Ferreira Rabello.

Jose d'Avila Bittencourt.

Gervasio José da Fonseca.

Antonio Augusto de Avila Cabral.

Bernardo Pereira de Magalhães e Castro.

Joaquim Bernardino da Silva Stockler.

Antonio Caetano de Avila e Silva.

Francisco d'Avila e Sá.

Jose Ferreira Carneiro. — deputado (de 1838 — 41).

José Venancio de Godoy. — deput. prov.

Joaquim Bento Ferreira Carneiro. — idem (1844 — 45).

Rodrigo de Souza Reis. — idem (1862 — 63).

Dr. Antonio Thomaz de Godoy.

Padre Agostinho Francisco Paraizo. — (antigo deputado provincial).

Dr. Felix de Aguiar (medico).

Capitão Sabino Alves Barroso (de São Sebastião de Correntes.)

Major Antonio Pinheiro Brandão (de Santo Antonio do Rio do Peixe).

Dr. José Innocencio de Campos (Juiz de Direito).

Padre Custodio Augusto da Motta (vigario da cidade)

Padre João da Silva Pereira Lino (vigario do Milho Verde — Serro).

Dr. Querobim Modesto Pires de Figueiredo Carmagos (medico e deput. prov.)

Professor Santos Augusto de Queiroz.

Padre Sebastião Pereira da Silva (foi Vigario de N. S. Mãe dos Homens do Turvo).

Dr. Carlos E'nout (medico)

Coronel Francisco Antonio Branco (chefe localista na Rebelião de 42).

IV

Venham depois de nós outros, que melhor completam estes apontamentos, encham as biographias de tantos illustres e dignos Serranos e não deixem assim esquecidas a memoria e a fama destes filhos da velha cidade, todos mortos no decurso do sec. XIX.

O paciente e velho pesquisador, sr. alferes Luiz Antonio Pinto bem que se prestaria a serviço tão meritorio para a chronica Serrana, elle que tem em suas mãos carinhosas de chronista os riquissimos archivos da Matriz e do antigo Senado da Camara Municipal de Villa do Principe. Assim o esperamos, pois, nos casos desses, que ficaram enumerados, de quantos outros illustres Serranos não teremos tido a menor noticia? Entretanto, buscámos fazer menção de quantos conferraneos fossem dignos de figurar neste trabalho. Pedimos informações, fallámos a amigos, fizamos publico que iam dar a lume

esta *Memoria*... mas nemassim nos vieram ás mãos outras informações e dados que não os por nós proprios colhidos, em jornaes, livros, revistas e trabalhos historicos, que consultámos. E' sempre assim, nesta terra, onde — para os panegyricos politicos — nunca faltam collaboradores sollicitos e promptos, que tragam elementos de sobra para qualquer escripto laudatorio a *ricos*, mas vivos de notoriedade politica, figurões capazes de distribuir graças e favores. Em se tratando, porém, de simples trabalho historico, de que nenhum proveito material aufram os taes sollicitos cyrinêos do engrossamento, a coisa muda de figura. Já não é a primeira vez que tal nos acontece...

Para escrevermos alguma coisa da chronica de Minas temos nos visto só, sem o auxilio sequer dos mais directamente interessados na elaboração de nossa Historia. E ás vezes ainda se tem de aguentar a impertinencia dos criticos!

CAPITULO TERCEIRO

SUMMARIO: INVOCACÃO A TERRA NATAL. SYNTHESE DOS FILHOS MAIS ILLUSTRES DO SERRO. PERSONAGENS EMINENTES DE PASSAGEM PELO SERRO VOTO FINAL DO AUTOR.

«Ao finalizar este imperfeito bosquejo de uma pagina de tua historia local, sejam minhas ultimas palavras em homenagem e votos por teu progresso, ó Serro amado!

Enquanto molho a penna, acodem-me á lembrança enternecida esses outros tempos de fausto e grandeza, que já tiveste, ó patria de José Eloy, o lyrico, de João Salomé, o poeta, de Vieira de Andrade, o santo medico, de Theophilo Ottoni, o democrata, de Flavio Farnese o attico publicista, de Joaquim Felicio, o historiador fiel, de Antonio Augusto de Queiroga, o orador de arrebatados surtos, de Gomes Carneiro, o general sem pavor, de Christiano Ottoni, o mathematico, de Lucindo Filho, o latinista e classico, de Pedro Caetano, o jurisprudente e polyglotta, de José Paulo, o meigo trovador! Visitada tens sido, nas centurias passadas, por homens illustres de todos os paizes: naturalistas e sabios — o barão Guilherme de Eschwege, Spix, John Mawe, o grande Carlos Frederico Von Martius, o amavel e minucioso Auguste de Saint Hilaire; estadistas, generaes e principes — os Condes de Bobadella e de Valladares; o general José Antonio Freire de Andrade, o Visconde de Seabra, o duque de Saxe, o principe Gastão de Orleans, o santo prelado Dom Viçoso...; e quantos mais não te palmilharam as ruas accidentadas, levando de teu povo hospitaleiro as mais gratas recordações!?

Minha retina fiel não esquece o teu panorama alpestre, as torres brancas de tuas egrejas, desde *Santa Rita*, na collina eminente, até a capellinha do bom e milagroso *Senhor do Mattosinhos*, lá na baixada humida do *Bota-Vira*...

Nos alcantis de teus serros, « combatidos de frigidissimos ventos, penhascosos e intrataveis », — como te descreveu a penna de Claudio, o poeta de *Villa-Rica* — se levantou ha dous seculos uma civilização, naquelles então invios e brutos sertões do norte de Minas. Não se empallideça a luz gloriosa do fanal de *Hivituruby*! Cantem futuros seranos o porvir dessa outr'ora afamada *Villa do Principe*, para que outro Volney não se approxime de seus muros vetustos e ahí lamente uma grande cidade antiga, desfazendo-se em ruinas e escombros...

O espirito e a força (*mens et robur*) muito podem, quando orientados com o amor da Patria e a fé em Deus. Possa de novo sacudir a juba esse querido Serro — « velho leão que dorme » e engastar nos annaes de Minas e do Brasil paginas brilhantes eguaes ás que já conta no seu legendario passado.» (*)

Nelson C. de Senna

Bello Horizonte, Março a Setembro de 1902.

(*) Este ultimo cap. é transcripto de uma série de artigos, que ha 5 annos publicámos, no *Minas Geraes*, sob o titulo *Impressões de Viagem*.

NOTA FINAL — Esta *Memoria* sae agora mais completa do que quando saio publicada na *Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.*

Opportunamente, a hospitaleira *Revista do Archivo Mineiro* abrigará outros trabalhos nossos sobre o Serro.

Bello Horizonte — maio de 1905.

CARTAS DE SESMARIAS

João Teixeira de Carvalho

Gomez Freyre de Andrada & C.

Faço saber aos q.ª esta m.ª carta de esmaria virem, q.ª tendo respeito a me representar por sua petição João Teixeira de Carvalho q.ª rematando na V.ª do Carmo as fazendas e escravos e fabricas de José de Queiroz Montr.ª entre ellas foy meya legoa de terra em quadra no certão adiante do rio turvo, de q.ª o dito tinha esmaria mas não confirmada, a q.ª partia correndo do alto da rossa de Manoel de Affonseca Lopes, cita no Infiecionado na paragem chamada o rio turvo pequeno, com o dito Lopes e rumo direito ao nascente e fronteira della em vertentes p.ª o Rio São Miguel me pedio lhe mandasse passar carta de esmaria da dita meya legoa de terra em quadra na refferida paragem fazendo pião aonde pertencer na forma das ordens de S. Mag.ª, e sendo visto o seu requerimento e informação q.ª derão os officiaes da Camara da V.ª do Ribeirão do Carmo em q.ª se lhe não offereceo duvida: Hey por bem fazer merecê (como por esta faço) de conceder em nome de S. Mag.ª meya legoa de terra em quadra na refferida paragem dentro das confrontações acima mencionadas fazendo pião aonde pertencer na forma das ordens do dito Snr. com declaração porem q.ª será obrigado dentro de hu anno, q.ª se contará da data desta a demarcalas Judicialm.ª sendo para esse effeito notificados os visinhos com q.ª partirem para alegarem o q.ª for a bem de sua justiça: e o será tambem a povoar e cultivar as ditas terras ou parte dellas dentro em dous annos, as quaes não comprehendirão ambas as margens de algum rio navegavel porq.ª neste cazo ficará livre de hua dellas o espaço de meya legoa para o uzo publico, reservando os citios dos visinhos com q.ª partirem as refferidas ter-